



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

José Cristóvão Carneiro de Andrade

COMO FALAR HOJE DO GRANDE MISTÉRIO DE DEUS?

Reflexões sobre a Unidade Letiva II do 9º ano, “Deus o grande mistério”

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Sob orientação de:

Professor Doutor António Martins

Mestre Juan Francisco Ambrósio

Lisboa

2019

Resumo

Neste Relatório Final do Ensino Supervisionado em Ciências Religiosas pela Universidade Católica Portuguesa na Faculdade de Teologia de Lisboa tem como objetivo mostrar o percurso feito como educador da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica durante o estágio na escola D. Fernando II em Sintra. Nomeadamente mostrar as inquietações e as questões que foram surgindo na Unidade Letiva II intitulada: “Deus, o grande mistério”.

O relatório está dividido em três partes, uma primeira que reflete o universo da turma do 9º ano B que frequentou a Escola D. Fernando II em Sintra em 2015/2016 através de uma aferição realizada junto dos alunos. Esta aferição tem como objetivo situar o seu universo religioso e o porquê de frequentarem a disciplina. A segunda parte procura fazer um percurso, mantendo o esquema do programa da disciplina do 9º ano e da segunda unidade letiva, sobre Deus, o grande mistério. A terceira parte nasce de uma proposta a realizar com os alunos fora do espaço escola, e o porquê desta iniciativa e quais as mais valias que esta acarreta.

Palavras Chave: Educação, Religião, Catolicismo, Questões de Fé, Caridade, Amor Cristão, Ciência.

Abstract

In this Final Report of Supervised Teaching in Religious Sciences by the Portuguese Catholic University at the Faculty of Theology of Lisbon aims to show the course made as an educator of the discipline of Moral and Religious Catholic Education during the internship at D. Fernando II School in Sintra. Namely to show the concerns and questions that arose in the Letiva II Unit entitled: "God, the great mystery".

The report is divided into three parts, a first that reflects the universe of the 9th grade class B who attended the D. Fernando II School in Sintra in 2015/2016 through a survey of the students. This assessment aims to situate their religious universe and why they attend the discipline. The second part tries to make a course, keeping the outline of the program of the discipline of the 9th year and the second school unit, about God, the great mystery. The third part is born of a proposal to be made with the students outside the school space, and the reason for this initiative and the added value that this entails.

Keywords: Education, Religion, Catholicism, Issues of Faith, Charity, Christian Love, Science.

À Sara, minha esposa.

Índice

Introdução	6
I. Parte – Prática de Ensino Supervisionada: Etapas de uma reflexão.	9
1. Enquadramento: Escola e Turma	10
2. Escolha da Unidade Letiva II: Deus, o grande mistério.	14
3. Lecionação da Unidade Letiva	16
3.1 Planificações.....	16
3.2 Relatórios	27
3.3 Avaliação Global da Prática do Ensino Supervisionado	50
4. Pergunta de partida: como falar hoje do grande mistério de Deus?	55
5. Aferição, resultados e análise.	56
6. Enquadramento da aferição.....	58
7. Conclusão do estudo dos gráficos.....	71
II. Parte: Desenvolvimento do trabalho teórico sobre a Unidade II do 9º ano: Deus, o grande mistério.	73
1. Nota Introdutória	74
2. Será que Deus existe? Um desafio para um mundo cada vez menos crente.	74
2.1 Qual o limite do acreditar humano? (crença vs razão).....	77
2.2 A certeza da ciência humana Vs a fé da crença em Deus.	78
3. O fenómeno religioso: ainda vale a pena acreditar na religião? Acredita-se na religião, ou a religião faz-nos acreditar em algo ou alguém?	80
3.1 O que constitui o fenómeno religioso? Ainda somos seres religiosos?	83
3.2 As representações divinas.	84
3.3 Os desafios da religião.	85
4) A loucura do amor de Deus.	91
4.2 A experiência do encontro.....	92
4.2 O amor como centro da existência humana e imagem de Deus.....	93
5. Deus transformador de corações.....	95

III. Parte: Proposta de Atividade Pedagógica	97
1. Introdução	98
2. Planificação	98
3. Enquadramento e objetivos.....	99
3.1 Enquadramento:	99
3.2 Objetivos:	100
3. Avaliação	100
4. Uma nova abordagem.....	104
6. Material de Apoio e Explicação das Dinâmicas	105
6.1 Conhecer-me e conhecer os outros.....	105
6.2. O Dom da vida.	106
6.3 O som do silêncio.....	106
6.4 A importância do tempo livre.....	106
6.5 A corda da vida.	107
6.6 Conhece-te a ti, conhece a Deus.....	107
6.7 Preparação da Vigília	107
6.8 Vigília.....	108
6.9 Jogos dinâmicos	108
7. Conclusão.....	108
Conclusão	110
Bibliografia	112

Introdução

O tema da existência de Deus tem ao longo dos tempos suscitado diferentes abordagens, consoante os momentos históricos vividos em cada época. Nos dias de hoje, a problemática de Deus como mistério ainda está presente, apesar de olharmos para a questão religiosa com um olhar cada vez mais laico. Mas esta questão ainda continua a fazer parte do nosso horizonte como pessoas e por ela somos interpelados através de diferentes quadrantes. No programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica do 9º ano de escolaridade, faz parte da segunda unidade.

Partindo da experiência realizada na prática letiva supervisionada e da experiência que daí adveio, escolhi a Unidade II do 9º ano “Deus, o grande mistério” como ponto de partida para a minha reflexão do relatório final da prática do ensino supervisionado. Reformulei a questão que me pareceu mais pertinente consoante as inquietações e dúvidas que foram surgindo em sala de aula e procurei ir ao encontro de um tema que abarcasse uma amplitude mais global das inquietações gerais dos alunos.

Na primeira parte do relatório procurarei descrever o trabalho realizado na escola D. Fernando II em Sintra no ano letivo de 2015/2016 e os desafios que fui encontrando ao longo deste percurso e das aulas aí lecionadas bem como das atividades realizadas. Nesta primeira parte o meu estudo incidirá sobre a vertente socioeconómica dos alunos, pois é importante saber qual o público alvo que lidamos, bem como as questões antropológicas suscitadas pelo tema através de uma breve aferição realizada em sala de aula. Ainda, nesta primeira parte, apresentarei as planificações da realizadas da prática do ensino supervisionado bem como uma reflexão do que estas foram.

Num segundo momento farei uma pequena exposição do tema de um ponto de vista mais teológico. Esta segunda parte do trabalho não pretenderá esgotar o tema, mas estará centrada nas questões que foram levantadas pelos alunos no decorrer das aulas. Assim, os

temas que serão expostos prender-se-ão mais com as questões práticas da lecionação que foram surgindo ao longo das exposições letivas.

Na terceira, e última parte, analisarei uma atividade que foi realizada com os alunos do 9º ano, fora do contexto de sala de aula. Terminarei com uma proposta de melhoria à atividade já desenvolvida, fora do contexto escola.

I. Parte – Prática de Ensino Supervisionada: Etapas de uma reflexão.

1. Enquadramento: Escola e Turma

Nos últimos tempos a questão religiosa tem estado muito em voga. Em 2001, o ataque às torres gémeas em Nova Iorque¹ veio demonstrar que a sociedade ocidental não estava tão protegida como os governantes faziam crer. Nos anos subsequentes muitos outros acontecimentos trouxeram a questão da violência ligada à religião para a esfera pública: o atentado de Madrid no dia 11 de março de 2004², o ataque a um jornal francês onde 12 pessoas foram mortas,³ por causa de um cartoon do profeta Maomé, ou ainda o acontecimento de 2015 em França⁴. Todas estas ocorrências trouxeram para a esfera pública um amplo debate, ligado à questão da segurança, à questão do modo de vida, mas sobretudo trouxeram a grande questão religiosa, nomeadamente a questão islâmica.

Este não é o assunto central desta Relatório Final do Ensino Supervisionado; contudo é bom perceber que estes acontecimentos marcaram a geração dos alunos que lecionei este ano. Por isso, a questão onde centrarei a minha investigação procura perceber quem é Deus para os alunos da Escola D. Fernando II, em Sintra.

A questão de partida, que procurarei desenvolver é: “Como falar hoje do grande mistério de Deus”?

Para ir ao encontro desta questão é importante situarmo-nos no espaço e no tempo em que estes alunos vivem. O horizonte religioso tem mudado de forma célere ao longo dos anos. Se há uns anos a questão fazia parte do quotidiano da sociedade e de cada família, hoje tornou-se quase uma questão secundária. Apesar de vivermos num país em que a tradição judaico-cristã ainda está bastante presente, é também verdade que com as descobertas científicas, tanto a nível da ciência como da medicina, o desinteresse da sociedade pela

¹http://www.jn.pt/tag/11_setembro.html - Para muitos analistas foi o grande acontecimento, pois veio demonstrar que os países ocidentais não estão tão inalcançáveis quanto se poderia supor. Acedido em 16/06/2016.

²<https://www.publico.pt/mundo/noticia/atentados-de-11-de-marco-em-madrid-planeados-no-paquistao-em-finais-de-2001-1627764> - Acedido em 16/06/2016.

³<http://www.dn.pt/globo/interior/doze-mortos-em-atentado-contra-jornal-satirico-charlie-hebdo-em-paris-4327721.html> - Acedido em 16/06/2016.

⁴http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/tiroteio_em_paris.html - Acedido em 03/02/2017.

questão religiosa tem levado a um afastamento do religioso e do espiritual do próprio horizonte social⁵. De facto, a questão científica, apesar de não se opor à questão religiosa, teve a necessidade de se enfatizar, e por causa disso, o paradigma da oposição entre ciência e religião ganhou um peso imenso a nível social. Esta questão esteve presente algumas vezes dentro da própria aula, nomeadamente no primeiro período, quando falámos das questões do aborto e da eutanásia.

Para mim, como professor de E.M.R.C, importa descobrir de que forma posso falar hoje do grande mistério que é Deus aos meus alunos. Claro que esta questão nos leva a outra subquestão que é tentar perceber porque razão os alunos se inscrevem na disciplina? Por um lado, importa descobrir quem é este Deus, do qual tantas imagens distorcidas passam através dos meios de comunicação social.⁶ Uma resposta inicial imediata pode ser encontrada na tradição familiar. Mas com o avançar dos anos letivos e com a inerente conquista de alguma autonomia e liberdade de escolha, o que leva os alunos a manterem-se ligados à disciplina?

O fator familiar assume um peso indiscutível. E o fator social? Será que o que move os nossos jovens a escolher a disciplina passa pela relação com o ou a professor(a) de EMRC? Será esse o fator chave? Os colegas? Ou outro qualquer fator?

De uma forma objetiva e de um modo geral⁷ a disciplina encontra-se um pouco à margem do que se considera um horário escolar típico, porque os horários são sempre menos convenientes (inícios da manhã, horas de almoço ou finais da tarde) e sendo de frequência facultativa implica sempre mais uma hora na escola para os alunos desta disciplina.

A grande questão que me coloco e que me desafia a iniciar estes trabalhos é saber se o que motiva os alunos a iniciar o seu percurso nas aulas de E.M.R.C, se prende com a

⁵ É de notar o interesse que o terço teve há uns anos na sociedade portuguesa, nomeadamente nos mais novos, pura e simplesmente porque este era utilizado pelo jogador de futebol Cristiano Ronaldo. Inclusive, este chegou a vender terços em que na medalha central em vez de ter a tradicional imagem de Nossa Senhora, tinha as letras CR7. Cf. in <http://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/ronaldo-faz-negocio-com-cinco-mil-tercos> - Acedido em 03/02/2017.

⁶ Se perceber a maneira.

⁷ Que se não verifica de todo na escola D. Fernando II, pois os horários do que pude verificar da disciplina não são remetidos para um segundo plano, mas fazem parte da estrutura dita “normal” da escola.

dimensão familiar, social ou transcendental. Importa-me perceber se a dimensão puramente religiosa, de facto, toca os nossos alunos e se estes buscam respostas às questões mais transcendentais na Educação Moral e Religiosa Católica.

Para ter uma base de trabalho fidedigna procedi à elaboração de algumas questões que me ajudaram a contextualizar os alunos. Esta investigação foi apresentada a um universo de 46 alunos⁸ do 9º ano que frequentam a disciplina de EMRC da escola D. Fernando II, Sintra.

Antes de passar propriamente à investigação, gostava de fazer uma breve caracterização da turma do 9ºA, turma esta que me foi atribuída pela professora cooperante no início do ano. Esta turma conta com 20 alunos, mas frequentam a disciplina apenas 12. A idade dos alunos é compreendida entre os 13 e os 15 anos de idade. À exceção de uma aluna que é repetente, os restantes alunos estão a frequentar pela primeira vez o 9º ano de escolaridade. Existe uma única nacionalidade desta turma que é a portuguesa. Vivem com os dois progenitores seis alunos em doze, cinco alunos vivem com as mães e um aluno está entregue ao cuidado de pessoas diferentes dos progenitores. A faixa etária dos encarregados de educação situa-se entre os quarenta e cinquenta anos; catorze dos pais são licenciados, um tem o 4º ano de escolaridade do segundo ciclo, sete tem apenas o terceiro ciclo desde o 7º ano ao 9º ano.

Quando questionados sobre a importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica a maioria dos alunos assinala-a como muito importante (10 alunos) enquanto uma minoria (2 alunos) refere que esta é apenas importante. Infelizmente ignorou-se uma pergunta que seria interessante colocar, pois na altura não consegui perceber só mais tarde quando analisava os dados é que dei conta, o porquê da importância da disciplina de E.M.R.C no seu ponto de vista pessoal, se seria apenas do ponto de vista académico, afetivo ou apenas uma dimensão social.

⁸ Noto que não são os alunos todos do 9º ano de escolaridade, são apenas os que frequentam EMRC. Noto ainda que nem todos os alunos que frequentam responderam a esta investigação porque faltaram no dia que foi aplicada.

No que se refere à ocupação dos tempos livres foram dadas as seguintes opções aos alunos: computador, amigos, ouvir música, ler, ver televisão, outros.

Chama imediatamente a atenção a questão da leitura e da escrita, que foi colocada em segundo lugar em relação às outras atividades. A dimensão social dos adolescentes é também bastante importante, bem como o ouvir música. Juntamente com a atividade do uso do computador (que de certa forma é utilizado para comunicação entre amigos), a televisão ainda ocupa um espaço de destaque.

Em conclusão, é uma turma bastante homogénea. Excetuando a aluna identificada com NES (Necessidades Educativas Especiais), a maioria é considerado bom aluno. A classe social predominante na turma é a classe média, tendo sido referido apenas por um aluno que dispõe de apoio social, mas não referindo se é A ou B. Todos os outros não recebem qualquer apoio socioeconómico. Arends diz-nos que as nossas escolas “dão um tratamento imparcial, justo e equitativo, assim como condições iguais para todos os alunos, demonstrando uma política de equidade. Em termos históricos as condições igualitárias não existiam nas nossas escolas.”⁹ Noto que essa política é posta em prática na escola D. Fernando II, tal como o demonstra a plena integração de uma aluna NES, interagindo com os pares, que a motivam e de algum modo promovem. Existe a procura desta igualdade, por exemplo e como referi a cima, quando uma aluna NES está plenamente integrada numa turma a normal e são os próprios alunos da turma que procuram integrar e promover a pessoa que tem dificuldades. Arends chama a atenção para esta mesma realidade quando diz que “trabalhar com jovens de origens culturais diversificadas e com variadas necessidades especiais exigirá que os professores possuam um repertório de estratégias e métodos eficazes e muito diferente do anteriormente requerido. Os professores terão também de estar aptos a adaptar currículos e a

⁹ I.R. ARENDS., *Aprender a Ensinar*, Editora McGrawHill, Madrid, 2008, 44.

pô-los em prática, de modo a torná-los mais adequados a alunos que podem considerar a escola excessivamente difícil ou irrelevante para as suas vidas.”¹⁰

A aula é às 10:10 da manhã. Contudo nota-se um constante atraso por parte dos alunos, ou seja, são assíduos, mas pouco pontuais. Durante as aulas são participativos e bastante interessados naquilo que está a ser lecionado, participando na atividade que está a ser proposta, revelando-se educados, interessados recetivos e responsáveis. A maioria da turma A não tem manuais o que dificulta por vezes o trabalho.

Apesar da presença de três professores¹¹ em sala de aula nada interfere com a dinâmica da turma.

A aferição foi feita a 46 alunos que frequentam as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica do 9º ano na escola D. Fernando II, tal como anteriormente tinha referido, e não só à minha turma de referência, mas a todas as outras turmas com alunos inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica. O objetivo desta aferição é tentar perceber se se encontra no horizonte destes alunos a questão religiosa ou se simplesmente existem outros fatores condicionantes que os levam a frequentar as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica. O estudo realizado através desta aferição, não pretende dar uma resposta nacional à questão, mas está centrado apenas neste universo onde lecionei, até porque estou consciente da limitação que este estudo apresenta.

Noto que algumas questões poderão parecer semelhantes, mas foram realizadas com o intuito de despiste.

2. Escolha da Unidade Letiva II: Deus, o grande mistério.

¹⁰ *Ibidem*, 11 – Uma possibilidade que se criou nesta turma de 9ºano visto que havia uma outra professora estagiária na sala a de acompanhar a aluna NES mais pessoalmente em algumas circunstâncias. Por exemplo na prova escrita esta foi lida pela professora cooperante à aluna.

¹¹ Estes três professores referem-se ao professor estagiário que leciona, à professora cooperante que avalia as aulas e à professora estagiária que assiste às aulas.

As questões de antropologia cristã sempre foram, para mim, bastantes desafiantes. Tentar perceber quem sou eu, de onde vim e para onde vou, é na minha perspectiva tentar perceber o grande mistério de Deus. Compreender a minha finitude como criatura e ao mesmo tempo tentar perceber o dom da vida é enveredar por um caminho de busca que me vai realizando enquanto pessoa. Se por um lado as respostas às questões existenciais se tornam, de certa forma, mais longínquas, é na minha pequenez e na minha finitude que dou resposta a este grande mistério da vida.

Tomar consciência que sou criatura, torna-se um mistério fascinante da busca de um Deus que ama e que apesar de visivelmente escondido como nos diz S. Paulo na Carta aos Romanos no Capítulo VIII, se quer fazer presente na vida de todos os seres humanos:

“Estou convencido de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós. Pois até a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus. De facto, a criação foi sujeita à destruição - não voluntariamente, mas por disposição daquele que a sujeitou - na esperança de que também ela será libertada da escravidão da corrupção, para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus. Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente.

Não só ela. Também nós, que possuímos as primícias do Espírito, nós próprios gememos no nosso íntimo, aguardando a adoção filial, a libertação do nosso corpo. De facto, foi na esperança que fomos salvos. Ora uma esperança naquilo que se vê não é esperança. Quem é que vai esperar aquilo que já está a ver? Mas, se é o que não vemos que esperamos, então é com paciência que o temos de aguardar.” (Rm 8, 18 -28)

Para mim, como docente, sempre foi um desafio perceber se esta inquietude de Deus/mistério, de facto, interroga os nossos alunos e sobretudo perceber se este mistério é realmente um fascínio ou nem sequer aparece no horizonte existencial de cada aluno. Mais ainda, quando somos chamados a tomar uma atitude de espera numa sociedade da impaciência. Até que ponto a questão escatológica do “já, mas ainda não” se torna impeditiva de uma experiência radical com Deus, pois vivemos numa sociedade que busca tudo rapidamente.

Este encontro com Deus só é possível na medida em que nos

alheamos um pouco dos nossos atarefados afazeres. Quando vivia em Braga, um dos irmãos da comunidade tinha por hábito passar pela capela depois do jantar. Muitos de nós passávamos pela capela e encontrávamo-lo a dormir. Um dia resolvemos brincar com a situação, dizendo que o que o irmão fazia não era meditação, mas *medeitação*, e por aí fora. Depois de ouvir as novas brincadeiras, o irmão, na seriedade que o caracterizava, simplesmente nos respondeu: “Não é o cão mais fiel que dorme aos pés do seu senhor?”.

É este saber estar e esperar em Deus que a sociedade contemporânea tem que aprender a refletir. A escolha deste tema é ainda mais interessante para alunos. Ao passarem para o ensino secundário já terão de fazer uma opção fundamental por uma área de interesse que será de certo modo marcante para a sua vida futura. É nesta transição para uma maturidade maior que as grandes questões geralmente surgem. É nesta idade que muitos jovens acabam por se afastar da Igreja, que têm as suas grandes experiências afetivas, os seus devaneios, é nesta idade que as grandes questões surgem, que alguma rebeldia emerge, a par de uma necessidade premente de ser aceite no grupo. É por outro lado a idade da consciencialização e é esta dimensão da consciência de si que traz ao mesmo tempo um querer aprofundar interior, fazendo com que o jovem se comece a questionar sobre outras dimensões que partem do seu interior. É neste sentido que surge o tema do meu trabalho.

3. Lecionação da Unidade Letiva

Para melhor entendermos o percurso feito durante o estágio e como linha orientadora das questões da aferição por mim realizada aos alunos deixo as planificações que fiz bem como os relatórios aula. Penso que seja pertinente na medida que pode orientar quem ler esta Relatório Final do Ensino Supervisionado.


3.1 Planificações

As planificações foram sempre orientadas numa dupla vertente, a primeira era a dimensão teórica da matéria lecionada e a segunda uma dimensão mais prática destes mesmos temas. Sobretudo interessava-me que os alunos percebessem que as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica não são meramente uma teoria, mas que é algo que pode ser vivenciado no dia a dia de cada um.


Assim procurei criar momentos de reflexão onde os alunos pudessem criar o seu próprio percurso interagindo com o professor e criando diálogo entre pares.

Sumário Introdução à unidade letiva II - “Deus, Mistério de Amor”.


Apresentação do jogo de avaliação do período.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	. O acreditar e o confiar humanos; . A problemática da existência de Deus: crença e razão;	- Acolhimento. - Registo do Sumário. - Diálogo sobre a questão de Deus sob suporte de PowerPoint. - Visionamento do vídeo <i>O barbeiro ateu</i> . - Rotina de pensamento. - Apresentação do jogo-portefólio de avaliação. - Elaboração da síntese da aula.	5' 5' 15' 5' 10' 5' 5'	Vídeo: O barbeiro ateu: https://www.youtube.com/watch?v=qZX8ZCi0EaE; Computador; Projetor; PowerPoint; Manual	Início da elaboração do portfólio
Síntese: Acreditar e confiar em Deus é uma atitude razoável.						

Sumário: Ateísmo, agnosticismo e relativismo


Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	. As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; . Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida.	- Acolhimento; - Registo do Sumário; - Visualização vídeo; - Atividade relacionada com a visualização do vídeo; - Apresentação PowerPoint: Ateísmo, agnosticismo e relativismo; - Apresentação tarefa 2 portefólio; - Síntese da aula.	3' 2' 5' 10' 20' 5' 5'	Vídeo: Que Deus, Boss AC: https://www.youtube.com/watch?v=0-GS0xhd41A Computador; Projetor; PowerPoint; Manual.	Registo no portefólio do resumo da aula e da atividade proposta.
Síntese: é possível equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus e sinto-me desafiado a desenvolver uma posição pessoal.						

Sumário: O fenómeno religioso. A fé em Deus e as representações de Deus no Antigo Testamento.


Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	- Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso.	- Acolhimento; - Registo do Sumário; - Apresentação em PowerPoint: . Identificação do fenómeno Religioso; . Representação de Deus no Antigo Testamento;	5' 5' 30'	Computador; Projetor; Manual e caderno do aluno.	O professor observa como os alunos participam e reagem à temática abordada e se registam apontamentos para o portefólio.
B. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.	- A fé em Deus e as representações de Deus: . Representações de Deus no Antigos Testamento: O Judaísmo.	- Diálogo conducente à síntese; - Proposta de trabalho para o portefólio;	5' 5'		

Síntese: Deus fez-se presente na história da humanidade desde o seu início.


Sumário: O Deus de Jesus Cristo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.	<ul style="list-style-type: none"> - O Deus de Jesus Cristo: O Cristianismo; - De um Deus de um povo até a um Deus universal e inequivocamente bom. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento; - Registo do Sumário; - Apresentação em PowerPoint: <ul style="list-style-type: none"> . Quem é Jesus Cristo; . Jesus a imagem de um Deus de amor; - Diálogo conducente à síntese; - Proposta de trabalho para o portefólio. 	<p>5'</p> <p>5'</p> <p>30'</p> <p>5'</p> <p>5'</p>	<p>Computador;</p> <p>Projetor;</p> <p>Colunas;</p> <p>Bíblia (Jo 14, 1-14);</p> <p>Manual e caderno do aluno.</p>	<p>O professor observa como os alunos participam e reagem à temática abordada e se registam apontamentos para o portefólio.</p>
Síntese: Jesus Um Homem para os outros.						


Sumário: A arte de dizer Deus.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
B. Descobrir a simbologia cristã.	3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.	. A fé cristã: - uma experiência de encontro;	- Acolhimento; - Registo do Sumário; - Apresentação em PowerPoint: . a arte e a dimensão espiritual; . a iconografia; - Diálogo conducente à síntese; - Proposta de trabalho para o portefólio.	5' 5' 30' 5' 5'	Computador, Projetor; Colunas; Bíblia; Manual e caderno do aluno.	O professor observa como os alunos participam e reagem à temática abordada e se registam apontamentos para o portefólio.
Síntese: O ser humano necessita de representar Deus para mais facilmente se relacionar com ele. As diferentes formas de arte são aproximações ao mistério que é Deus.						


Sumário: Deus, oceano de amor. A fé cristã.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
B. Construir uma chave de leitura da pessoa, da vida e da história. J. Descobrir a simbólica cristã.	3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.	. A imensidão e a bondade de Deus: Sir. 43, 27-33 . A fé como confiança e entrega SL. 23 . A fé cristã: - Uma experiência de encontro; - Um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; - Um apelo à construção de um mundo solidário.	- Acolhimento; - Registo do Sumário; - Apresentação em PowerPoint: .As obras de Deus estão acima de todo o louvor; . Salmo 23; . A fé e as obras são inseparáveis; . O Mandamento do amor; - Diálogo conducente à síntese; - Proposta de trabalho para o portefólio.	5' 5' 35' 5' 5'	Computador; Projetor; Colunas; Bíblia; Manual e caderno do aluno.	O professor observa como os alunos participam e reagem à temática abordada e se registam apontamentos para o portefólio.
Síntese: A experiência da bondade de Deus transforma a vida do crente num apelo à esperança e empenha-o na construção de um mundo solidário. A fé exige obras de amor.						

Sumário: Deus, oceano de amor. A fé cristã.


Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	. Cada crente é o rosto de Deus no mundo. . Vidas com sentido: - S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental; - S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres; - Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto. . Instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.	- Acolhimento; - Registo do Sumário; - Apresentação em PowerPoint: . S. João de Deus; . S. Vicente de Paulo; . Aristides de Sousa Mendes; - Estrutura do portefólio e objetivos; - Diálogo conducente à síntese; - Proposta de trabalho para o portefólio.	5' 5' 25' 5' 5' 5'	Computador; Projetor; Colunas; Bíblia; Manual e caderno do aluno.	O professor observa como os alunos participam e reagem à temática abordada e se registam apontamentos para o portefólio.
Síntese: Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar nele e se empenham na transformação da sociedade e no bem comum.						

Sumário: Elaboração do portefólio da UL 2.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
(Todas as da UL 2)	(Todos os da UL 2)	(Todos os da UL 2)	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento; - Registo do Sumário; - Trabalho autónomo dos alunos com orientação e supervisão dos professores. 	<p>5'</p> <p>5'</p> <p>40'</p>	<p>Computador; Projetor; Bíblia; Manual e caderno do aluno.</p>	<p>O professor observa como os alunos participam e elaboram o portefólio.</p>

Sumário: Autoavaliação.

Resposta a aferição da Unidade Letiva II

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
			<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento e Sumário. • Entrega do portfólio. • Considerações sobre a Páscoa. • Autoavaliação. 	5` 15` 20` 10`	<ul style="list-style-type: none"> • Computador; • Projetor; • Papel; • Papel. 	

3.2 Relatórios

05 Janeiro 2016

Esta foi a primeira aula preparada e lecionada inteiramente por mim. Antes de aula começar houve uma pequena saudação de boas vindas depois das férias de Natal. Posteriormente foi explicado que haveria uma nova unidade a ser tratado no segundo período, intitulada “Deus, o grande mistério”.

Deu-se início à aula questionando os alunos quem era Deus para eles e porque se tratava de mistério. Cada um à sua maneira deu uma definição de Deus. A partir deste ponto mostrei que a característica da experiência individual de Deus é uma forma de mistério, por outro lado, mostrei uma imagem de Rublev que mostrava a trindade em que o rosto dos três é igual. Deus que é ao mesmo tempo três pessoas e uno. Este é um mistério que iríamos descobrir.

Antes de iniciar os conteúdos programáticos, foram ainda explicados aos alunos os métodos de avaliação para este período, nomeadamente o portefólio que os alunos terão de construir ao longo das aulas. Depois de explicar as regras do portefólio, que os alunos passaram para os seus cadernos diários.

Posteriormente foi lançado um vídeo intitulado “o barbeiro não crente”, e mostra um barbeiro a encetar um diálogo com um cliente, porque este tinha uma bíblia na mão, dizendo que não acreditava em Deus porque se Deus existisse não existiria tanta fome, doença, mal, etc. O homem saio da loja apreensivo, até que se depara com um homem de cabelo cumprido, fazendo com que este regressasse de novo à barbearia. Chegando lá dentro diz que não acredita que haja barbeiros, pois se existissem não haveriam homens com o cabelo e barba tão cumpridos. Ao que o barbeiro responde que a culpa não é dele, mas existe barbeiros, mas

estas pessoas é que não o procuram. Conclui o cliente dizendo que Deus existe, se há mal é porque as pessoas não se voltam para Deus. Depois da visualização do filme, foi proposto à turma a realização de uma rotina de pensamento com três questões: o que vi? O que pensava antes? O que penso agora?, interrogo-me. A ideia é inculcar nos alunos o hábito de se questionarem sobre o que veem, além de que ao terem de descrever a cena são capazes de mais rapidamente de se lembrarem no futuro do vídeo visto. Depois de um breve tempo para responderem às questões houve um pequeno diálogo sobre estas. Surgiram perguntas pertinentes que futuramente serão usadas. Uma outra coisa que foi dito é que todos os trabalhos em sala de aula devem ser colocados no portefólio, inclusive este.

Como pretendia que esta aula fosse mais de os alunos se questionarem sobre Deus e da sua existência alertando para a Sua procura no quotidiano, foram lançadas de acordo com o manual as três perguntas antropológicas existências: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou?

Tudo isto para que eles percebessem que o homem se questiona sobre a existência de Deus e que esta interrogação é tão natural como o respirar, que a procura do transcendente, da divindade e do sagrado é uma realidade humana universal. Que não está só localizada no nosso país, mas em todas os países e culturas. Muitas destas questões surgem quando o Homem sente a sua finitude, a dor ou o sofrimento. Para muitas pessoas Deus surge como origem primeira e fim último, e que aceitar e confiar em Deus é uma atitude humana.

Por outro lado, Deus não é um mito, ou uma hipótese absurda e irracional, pois ao contrário da ciência a fé é fundamental para a religião. Contudo expliquei que mesmo a matemática nasce de uma convenção linguística e simbólica, quando dizemos que dois mais dois são quatro de onde vem este quatro? Questionei se algum aluno já tinha visto este quatro pois para a ciência o que conta são os fenómenos empíricos.

Forma apresentadas três razões que sustentam a fé, a ordem do universo, a existência de valores éticos, e a questão da morte.

Para terminar foi perguntado aos alunos qual seria a síntese, estes prontamente responderam que acreditar e confiar em Deus é uma atitude razoável.

Como trabalho inicial do portefólio foi pedido aos alunos que em casa pensassem em argumentos que sustentam a existência de Deus e escrevessem uma breve reflexão sobre isso.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes.

12 Janeiro 2016

Esta aula houve uma troca de turmas, como este período serei eu a planificar e a estruturar as aulas e visto que a turma atribuída à professora estagiária Hercília começava às 8:15 pareceu oportuno que o horário se modificasse, ficando eu com a primeira hora e a professora estagiária Hercília com a aula das 9:10.

A aula começou ligeiramente atrasada porque o computador está cada vez mais lento e porque os alunos à primeira hora costumam chegar um pouco mais tarde.

Iniciei a lição 13 com o sumário, pedindo que os alunos escrevessem no caderno, posteriormente pedi para fazermos uma breve síntese da aula anterior.

Porque a questão tratada nesta aula é a fé, ateísmo, agnosticismo e relativismo, iniciei-a com a visualização de um vídeo clip do Boss Ac com o título “Que Deus”, onde este levanta uma serie de questões sobre quem é Deus, sobre o bem e o mal, sobre a pobreza, o amor, etc. Sobretudo pretendi que com uma linguagem moderna os alunos sentissem que a problemática tratada em sala de aula não era uma coisa descabida da realidade, mas que está presente no quotidiano. A identificação com a música por parte dos alunos foi notória, mostrando posteriormente à visualização do vídeo.

Foi pedido que os alunos, tendo em conta a música, respondessem a um questionário que seria colocado no portefólio. As respostas foram variadas e muito interessantes.

Depois, mostrei uma imagem onde um cérebro estava preso pelos símbolos das três religiões monoteístas e um quarto símbolo do ateísmo voava livremente com uma chave. A ideia da imagem é que o ateísmo dá liberdade de pensamento ao contrário da religião que atrofia e prende a inteligência humana. Pedi para os alunos traduzirem a imagem, foi com facilidade que estes descreveram-na e interpretaram-na. Seguidamente foi dada a definição de ateísmo e projetada uma frase da associação ateísta portuguesa onde esta se definia e mostrava qual as suas principais preocupações. O ateu é aquele que nega categoricamente a

existência de Deus ou qualquer divindade. Foi ainda feita a distinção entre ateísmo teórico e prático. O teórico nega a existência de Deus, o prático refere que as pessoas vivem sem qualquer referência a Deus.

Posteriormente falou-se do agnosticismo, que foi representado por uma imagem que faz referência à criação de Michelangelo na capela sistina, mas que em vez de haver os dois dedos há o dedo de Deus estendido e a palma da mão do homem levantada quase como se não quisesse ser tocado por Deus. A ideia era transmitir que o agnóstico nem se quer coloca a questão de Deus, pois para ele não faz sentido, pois o conhecimento humano não tem possibilidade de aceder a Deus, por isso nem vale a pena levantar a questão.

Finalmente chegamos à terceira questão, o relativismo. Esta teoria centra-se na dimensão egocêntrica do homem, pois tudo depende do individuo, pois, todas as ações são justificadas à partida porque cada um “tem a sua verdade”.

Para concluir estes temas e lançar a questão da fé, foi lido um excerto que se encontra no manual do P. Anselmo Borges intitulado “a busca sincera e honesta da verdade”.

Lançado o tema da fé, foi especificado que acreditar em Deus implica uma escolha e um confiar, pois a vida humana tem um sentido que ultrapassa os anos que vivemos.

Como síntese foi mostrado um esquema em que foi ressaltado que os ateus, afirmam que não existe Deus, que os agnósticos afirmam que não sabem e que os crentes acreditam que Deus existe.

Como termino de aula foi pedido aos alunos que passassem para o caderno a atividade número dois que tinha a ver com a aula, teriam que investigar os argumentos que falam apresentados pela ciência e pela religião referentes à existência de Deus.

Como síntese foi explorado que é possível equacionar respostas à existência de Deus.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes.

19 Janeiro 2016

O tema da aula de hoje era o fenómeno religioso e a fé de Deus e as representações de Deus no Antigo Testamento.

Iniciei a aula com uma pequena síntese da lição anterior. Posteriormente mostrei um slide em que tinha duas tabuletas, uma que dizia razão e apontava para a esquerda e outra que dizia fé a apontar para a direita. A ideia era dar ênfase que o homem desde sempre procurou o transcendente e muitas vezes esta busca não foi feita da forma mais apropriada, nomeadamente quando a humanidade não sabendo explicar o fenómeno que se deparava atribuía à dimensão divina. Nomeadamente desde o início que o homem se conhece a dimensão religiosa está presente, através de pinturas, túmulos, imagens, etc. por isso mesmo o fenómeno religioso não é uma coisa recente, mas sempre fez parte da história humana. Mostrei a imagem da Vénus de Willendorf para falar da dimensão fecundativa da religião, pegando ainda na ideia de Baal do Antigo Testamento para explicar que a chuva era vista como a fecundação das terras por este deus. A partir daqui falei dos elementos religiosos comuns às religiões, os sacerdotes, os lugares sagrados, os tempos sagrados, os rituais, as histórias e os livros.

Questionei os alunos sobre o que constituía o fenómeno religioso, explicando primeiro o significado de fenómeno. Esclareci que para ser considerado fenómeno são necessárias quatro dimensões, a saber: a doutrina: conjunto de dogmas e/ou crenças, ritos: cerimónias de culto, uma ética: conjunto de normas de viver o dia a dia, relação com a divindade: relação pessoal com Deus. Para terminar esta questão expliquei que a noção da existência de Deus pertence desde sempre à história da humanidade, em todas as épocas e latitudes.

Depois desta introdução ao fenómeno religioso, iniciei o tema de Deus no Antigo Testamento. Como início do tema, expliquei que o grande avanço do Antigo Testamento para as religiões que estavam à volta é a proclamação de um só Deus. Antes disso expliquei que há

teólogos que preferem o novo de Novo Testamento ao em vez de Antigo Testamento, pois a ideia de antigo remete a noção de que já está ultrapassado e não faz sentido, mas que para nós, a tradição judaico cristã, o Antigo Testamento faz parte do que somos como cultura e povo. Depois passei a explicar a questão do Deus de Abraão, do Deus único de por exemplo no capítulo 22 das gêneses onde Deus pede a Abraão para sacrificar Isaac parando-o no exato momento do seu sacrifício, sendo importante para que este fizesse um corte com as outras religiões que sacrificavam o seu filho primogênito. Falei ainda da dimensão da libertação do povo de Israel do Egito e da proclamação de um só Deus a Moisés, através da sarça ardente, nomeadamente no nome de Deus “Eu sou aquele que Sou”. Aproveitando a questão de Moisés, falei do decálogo nomeadamente do mandamento de adorar apenas a um Deus. Dei ênfase à imagem que muitas vezes se cria de um Deus dos exércitos do Antigo Testamento, que não corresponde de todo à imagem de amor de Deus que está bem mais presente.

Foi ainda explicado que este Deus de Israel que foi revelado a este povo não se centrava só neste povo, mas a ideia da universalidade está presente. O Deus de Israel não é um Deus nacional, mas um Deus Universal.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes.

22 janeiro 2016

Na terceira aula lecionada por mim, comecei por pedir aos alunos que abrissem os cadernos e passassem o sumário. A aula de hoje foi toda pensada no tema “O Deus de Jesus Cristo”. Comecei para lembrar aos poucos alunos que chegaram a horas da aula anterior, e sobretudo da dimensão da experiência religiosa, nomeadamente através do monoteísmo do Antigo Testamento. Depois de lembrar a dimensão do Deus único, comecei por enquadrar a questão de Jesus.

Iniciei por perguntar aos alunos quem era Jesus, alguns responderam a sua perceção através da dimensão pessoal de fé (o amigo, filho de Deus, etc.). Curiosamente alguns alunos fizeram referência à dimensão de Jesus histórico, como aquele que faz parte da nossa história e da cultura judaico cristã que hoje vivemos.

Em seguida, foi mostrada uma imagem do *panthocrator*, Jesus o criador do universo. Questionei os alunos se conheciam a imagem, muitos conheciam, pois, no ano anterior já tinham falado da imagem e já a tinham explorado o sentido, a dimensão do livro nas mãos de Jesus e da forma da mão direita com três dedos juntos (as três pessoas da Santíssima Trindade) e os dois dedos levantados (que representam as duas naturezas de Cristo).

O passo seguinte passou por mostrar uma imagem do filho pródigo de Rembrandt, a ideia era realçar a dimensão do amor de Deus, nomeadamente a questão da misericórdia. Aproveitei ainda para falar da filiação divina, que é por causa de Jesus que nós somos chamados filhos por Deus. E que Deus olha para os mais frágeis e mais pequenos.

Para falar do amor de Deus, foi projetada a imagem da Samaritana e o diálogo que ela estabelece com Jesus. Jesus apresenta-nos um Deus bom e que se torna presente no amor e na salvação que nos oferece. Deus Pai, ama-nos infinitamente e acolhe-nos com bondade de coração.

A mensagem de Jesus apresenta-nos um Deus de serviço e não de poder, é um Deus

que procura resgatar o Homem dos seus medos e das suas frustrações, daí a imagem de Jesus a subir para Jerusalém sentado num jumentinho, é a imagem por excelente deste Deus de proximidade. Os cristãos tal como Jesus acolhem a presença de Deus, levando-os a estar ao serviço do próximo.

Como imagem desta dimensão de tensão da procura dos Homens e Deus foi apresentado o poema de José Régio intitulado *Ignoto Deo*. O autor começa por tudo em causa para terminar com a frase final “Tu é que não desistirás de mim!”.

Para terminar a aula foi lida a passagem bíblica de Jo 14, 1-14, em que Jesus faz o discurso “*As coisas que Eu vos digo não as manifesto por mim mesmo: é o Pai, que, estando em mim, realiza as suas obras.*”

Depois de lermos o texto os alunos foram os alunos foram questionados, depois do que foi transmitido a questão era: quais as características de Deus de Jesus Cristo. Os alunos responderam nos cadernos e depois oralmente, gerando uma interação muito interessante.

Como conclusão da aula foi apresentada Jesus Cristo – um Homem para os outros – é o rosto visível de Deus invisível.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes.

02 fevereiro 2016

A aula iniciou-se à hora prevista, mais uma vez cheguei mais cedo para preparar o material. Como de costume o computador demorou a iniciar-se, por isso mesmo à hora do início da aula, ainda não estava pronto, contudo os alunos desta turma chegam geralmente atrasados, por isso mesmo foi o tempo de ditar o sumário, até tudo estar preparado.

A aula de hoje tinha como tema “a arte de dizer Deus”. Como o próprio sumário indica o tema principal centrou-se na dimensão da arte. Iniciei a aula com três questões que forma temporizadas e que seriam de colocar no portefólio. A primeira questão era descrever Deus numa palavra, a segunda indicar uma imagem de Deus e a terceira questionava os alunos de qual sentiram mais dificuldade, a de construir uma imagem ou de descrever Deus através de um texto. A maioria dos alunos disse que era mais fácil arranjar uma imagem representativa de Deus do que descreve-Lo. Este era o objetivo inicial, ou seja, que eles dessem conta que a dimensão da arte servia para representar Deus, quando as palavras não são o suficiente.

A ideia desta aula em primeiro lugar o de demonstrar a importância que esta tem para o ser humano e para a religião, em segundo lugar mostrar algumas obras que são referência religiosa, cultural e histórica, nomeadamente a arte mais antiga que está fora do horizonte dos nossos alunos e que muitas vezes são desconhecidas. Aproveitando este fato a ideia era explicar um pouco do contexto histórico que rodeava cada obra de arte.

Iniciei com a imagem da *Piéta* de Michaelangelo, explicando que estava no Vaticano, logo à entrada do lado direito, que era a única estátua assinada pelo artista, que a dimensão de Maria era muito superior à de Jesus para mostrar a mãe que ampara o filho. Poucos alunos conheciam esta obra de arte, o que não me deixou de espantar.

Aproveitando os exemplos de obras de arte que eram apresentados, foi dando conceitos, por exemplo chamar à atenção que a arte tem um elevado sentido espiritual (o tempo que é necessário para fazer um *ícon*), sobressaindo que do artista prolonga-se a

extensão da criação, que o universo inteiro é uma enorme obra de arte, etc. Sintetizando que a pessoa humana é a tela, e que Deus vai desenhando a obra de arte que é a vida. Quando analisamos uma obra de arte descobrimos a mão do artista, intuimos qual foi a sua ideia e o que quis fazer. Da mesma maneira, podemos descobrir a mão de Deus na obra de arte que é cada pessoa.

Destaquei uma obra de arte neste contexto para poder explicar uma serie de coisas. A obra de arte era a parede do juízo final que se situa na Capela Sistina pintada por Michelangelo. Primeiro pedi para os alunos me situarem a pessoa de Jesus Cristo, que rapidamente me fizeram notar que estava no centro, depois perguntei qual a diferença deste Jesus com o Jesus que nós comumente vemos. Ninguém foi capaz de identificar nada de especial a não ser o corpo musculado do mesmo. Fiz notar que Jesus não tinha barba. O que para alguns alunos foi um choque. Por outro lado, notei que apesar de tudo inicialmente todos apontaram a mesma figura como Jesus. A ideia era a de que os alunos pudessem perceber que mais que uma imagem pictórica a imagem mais importante que podemos estabelecer é a imagem da relação com Ele. É desta experiência espiritual e interior situada na relação que construímos o rosto de Jesus.

Salientei ainda três pontos, mais como sentido de curiosidade, a de Jesus que tinha a mão levantada e que se referia a Mt. 25, 41, a imagem da pele que está segura por S. Bartolomeu que é o autorretrato do artista, que num dos lados do fresco esta representado duas pessoas agarradas ao rosário e que estão a ser puxadas por anjos, como sinal de que o rosário também salva (claramente uma forma de Michelangelo chamar a atenção do protestantismo) e finalmente a figura do cardeal que o artista coloca no inferno porque não gostava dele.

Coloquei ainda no slide uma imagem do sec VII da Basílica de S. Cosme e S. Damião, que se situa em Roma para mostrar mais uma vez que a figura de Jesus tem vindo a sofrer ao longo da história mudanças estéticas.

Que a arte serve para dar resposta ao que não sabemos, como no exemplo apresentado da Igreja de S. Clemente em Roma, onde aparece um afresco de Jesus que no Sábado Santo vai resgatar Adão ao inferno. E que dentro desta mesma Basílica toda a arte apresentada desde os ladrilhos ao às pinturas ou esculturas tem um significado próprio. Por exemplo no sítio onde se lê o evangelho tem uma pedra de mármore negro que representa Jesus Ressuscitado que era lindo antes de se ler o evangelho do dia com o intuito de chamar a atenção para a ressurreição.

Para finalizar mostrei o primeiro grafiti da imagem de Jesus, situado entre o sec. I e sec. III num dos montes de Roma e que fazia troça de Jesus e dos cristãos, para terminar com a primeira imagem de Jesus representada nas catacumbas de S. Calisto pela imagem do Bom Pastor.

Foi explicado aos alunos o que significa Icon, ou seja, a palavra ícone quer dizer literalmente «**imagem**». Para fazer referência ao icon de Jesus e o Amigo do Ap. 1, 17-18.

Referi ainda a arquitetura de Gaudí e que pela beleza somos chamados a ser imagem de Deus tal como ele foi.

93A aula finalizou com a síntese proposta pelos alunos e com o trabalho a realizar para o portefólio.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes.

16 fevereiro 2016

A aula começou como é normal. Os alunos chegaram um pouco atrasados, e houve alunos que faltaram. Inicialmente, e como os alunos estavam a chegar pouco a pouco foi falando com cada um individualmente. Procurei esta aproximação com o intuito de saber como é que cada um estava e estabelecer uma proximidade pedagógica.

Posteriormente pedi que os alunos que se encontravam em sala de aula começassem a passar o sumário. No final lembrei a entrega do portefólio as datas e disse-lhes ainda que haveria uma data (que foi dita aos alunos) para que trouxessem o material para a escola para poderem construir o seu portefólio com ajuda dos professores se fosse o caso.

Dei início à aula, com os alunos que estavam presentes com a leitura de Sir 43, 27- 33, que coloca Deus como o centro da vida do Homem. Posteriormente pedi aos alunos para me descreverem oralmente o que é que esta leitura suscitava neles. Tudo para salientar Deus é grande e misterioso, ele é o criador, que nos dá a sabedoria e por isso o devemos louvar.

A imagem que nos é transmitida é a do Bom Pastor, lembrei aqui a aula passada chamando à atenção que a primeira imagem de Jesus pintada nas Catacumbas de Roma era a do Bom Pastor. Perdi um de pouco tempo, explicando o que era um pastor e a ligação que este tinha com as suas ovelhas. Optei por ser um pouco mais demorado pois os nossos alunos sempre viveram na cidade e por muito que tenham visto pastores, certamente a imagem era ténue. Aliás, uma das dificuldades que senti é a necessidade da desconstrução das imagens bíblicas que para os mais velhos são simples e plenas de significado, mas para os alunos passa um pouco ao lado porque estes não têm qualquer referência. É necessário tentar explicar além do que para o professor é óbvio porque a não correremos o risco de ser uma imagem supérfluo e sem a dimensão pretendida que é a da identificação. Posteriormente foi lido o salmo 23(22) “O Senhor é meu pastor”.

A dimensão do pastoreio está intimamente ligada à imagem que Israel tinha do seu

Deus, aquele que deixa tudo para ir procurar a ovelha perdida, aquele que é reconhecido pela voz, aquele que protege e ampara, etc. O reconhecimento do povo de Israel de Deus está intimamente ligado a esta imagem. O próprio povo tinha no seu seio inúmeros pastores e rebanhos.

Uma outra figura tratada nesta aula foi a do profeta Jeremias que vem denunciar o comportamento ético do povo que se centravam só no rito. Por isso o profeta Jeremias faz a denuncia da religião ritualista em detrimento dos valores morais salientando a importância do essencial a Deus é a prática do bem e da justiça. Ora, um cristão sabe que a fé e as obras são inseparáveis, o verdadeiro crente age no dia a dia em conformidade com aquilo que acredita. A fé só é viva quando se concretiza em obras, sem estas obras a fé torna-se vazia.

A partir deste ponto foi lançado a questão da fé cristã. Primeiramente centrei a questão da vinda do messias e da importância deste como o eleito e o esperado por Israel. Que Jesus era o Emanuel, ou seja, Deus conosco e que a mensagem principal é a da fraternidade universal. Jesus é o rosto de Deus Pai, e que ele nos deixou o mandamento do amor, que nos leva ao limite. A fé cristã vive-se na relação com o próximo, na construção de um mundo mais solidário e fraterno. Por isso em que empenha a servir os outros torna-se o rosto de Deus a atuar na história.

Para concluir a aula, pedi aos alunos para sintetizarem a aula ao que estes concluíram com “A experiência da bondade de Deus transforma a vida do crente num apelo à esperança e empenha-o na construção de um mundo solidário. A fé exige obras de amor.”

Finalmente foi-lhes dado o trabalho do portefólio desta semana.

A aula correu bem e os objetivos foram plenamente cumpridos.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes. Foi ainda salientando o excelente acolhimento dos alunos no início da aula.

23 fevereiro 2016

A aula deu-se início como de costume sendo por costume os alunos chegarem atrasados na primeira hora. Dei início à lecionação com a apresentação do sumário. O tema da aula de hoje é “Deus transforma corações... as pessoas constroem as sociedades”.

Inicialmente foi mostrada uma imagem do *wolrd press photo* onde mostra uma criança a passar por baixo de um muro de arame farpado, com um homem a acolhe-la do outro lado. Perguntei se Deus se encontrava naquele sítio. Os alunos tiveram dificuldade em compreender esta dimensão da presença no sofrimento. A partir daqui expliquei que é imperativo ser presença transformadora de Deus no mundo que nos rodeia. A fraternidade faz parte da identidade do ser humano por isso aberto ao mundo e a Deus. É necessário construir diálogos e encontros, devemos construir relações onde a amizade, comunhão e cooperação estejam presentes.

Três exemplos foram dados sobre esta temática, S. João de Deus, S. Vicente de Paulo e Aristides de Sousa Mendes.

Dei início com a vida de S. João de Deus, a sua vida e percurso e sobretudo à dimensão do encontro com o próximo, nomeadamente na relação com os doentes mentais visto que estes eram considerados pessoas marginalizados. Por isso fundou um hospital que mais tarde deu origem à ordem dos irmãos hospitaleiros. Era considerado *louco por Deus*. Pela sua entrega e pelo amor aos outros.

Com S. Vicente de Paulo foi salientado a questão da pobreza, da entrega aos mais pobres e mais marginalizados que passa pela própria experiência pessoal de ser perseguido e mesmo ter sido escravo. A missão com os mais pobres e mais necessitados levou-o fosse responsável pelas obras de misericórdia e dos mais pobres da corte francesa, dando origem às conferências vicentinas que ainda hoje tem grande influência em muitas paróquias portuguesas. Apesar da sua nacionalidade francesa a obra passou fronteiras e a sua vida

inspirou muitas pessoas.

Mas nem só pessoas que forma santas estão ligadas às obras de Deus, por isso o exemplo de Aristides de Sousa Mendes, que apesar de ir contra o regime vigente em Portugal foi capaz de deixar a sua comodidade em detrimento de milhares de vidas salvas. Por causa dos seus valores e para não ir encontro à sua consciência acabou a viver na pobreza.

Para terminar a aula foi lançada a proposta do portefólio, escolher uma associação ligada à Igreja Católica que promova a justiça social.

Concluimos com a síntese que Deus atua no mundo através das ações e do testemunho de pessoas que ousam confiar nele e se empenham na transformação e no bem comum.

Antes de a aula terminar e nos últimos 5 minutos foi pedido que os alunos na aula seguinte trouxessem o material que já tinham recolhido para a construção do portefólio. Foi projetado o que o portefólio deveria conter e posteriormente também foi projetado os trabalhos pedidos ao longo das aulas.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes. Foi ainda salientando o ótimo controlo da turma apesar do barulho que se fazia sentir.

01 março 2016

A aula de hoje foi planejada de forma diferente. Visto que os alunos estão a construir um portfólio como método de avaliação e que o portfólio necessita de uma constante verificação e orientação, a aula de hoje foi toda reservada para o efeito.

Assim, os alunos chegaram e passaram o sumário. Posteriormente foi-lhes pedido para mostrarem o material que trouxeram e qual a ajuda que necessitavam. Apesar de na última aula ficar claro que era necessário trazerem o já tinham feito do portfólio, poucos foram os alunos que trouxeram. Inclusive, na aula anterior foi projetado no quadro a constituição do portfólio e que este deveria conter: 1. Capa; 2. Índice; 3. Introdução; 4. Trabalhos efetuados (sumários e reflexões pessoais sobre cada aula); 5. Conclusão; 6. Autoavaliação. Mais ainda, foram projetados os trabalhos que cada um deveria ter feito em casa de investigação e reflexão.

Esta aula foi pensada e projetada desta forma por um simples motivo, qual seria a autonomia dos nossos alunos bem como a responsabilidade do trabalho ao longo de um período e como é que estes reagiram a um contínuo processo de investigação ou estudo.

A conclusão que chego é que apesar de me parecer uma proposta dinâmica em que o aluno tem que se envolver e que o processo de conhecimento e educação sejam contínuos, os nossos alunos estão formatados apenas para um tipo de processo de avaliação, os testes. Aliás no início quando foram informados deste processo vários alunos comentaram na sala e em voz alta porque não nos limitávamos simplesmente a um teste, pois seria mais fácil.

Será que não fui capaz de motivar suficientemente os alunos para este processo? Será que não forma suficientemente informados? Será que os objetivos não eram indicados ou que o tema proposto não era o melhor para este tipo de trabalho?

Sinceramente não me pareceu, pois, o próprio tema tem a ver como as questões pessoais que cada um tem à cerca de Deus. Os temas e propostas forma sempre apresentados atempadamente.

Os alunos com o pouco material que tinham e com ajuda de *tablets* forma ajustando o ou simplesmente organizando materiais que trouxeram. O trabalho correu bem, sobretudo porque havia três professores que puderam acompanhar os alunos.

Mais que tudo penso que esta aula foi uma aprendizagem tanto para professores e alunos, por um lado a adaptação que o professor apesar de supor que iria correr assim ter de improvisar, por outro lado mostrar aos alunos que se não acompanham as propostas no seu tempo devido o trabalho pode acumular e ser bastante. Mais ainda, que este processo do aprender não destitui o aluno, muito pelo contrário é um processo que o implica a todos os níveis. Penso que a aula ficou ganha por estes motivos, claro também pela possibilidade de haver vários professores orientadores que puderam ajudar este processo, quase como um tutor. Interessante pensar como seria uma sala de aula com menos alunos e mais tempo, as coisas que se poderiam fazer na educação em vez da massificação que muitas vezes promove a falta de trabalho.

Heteroavaliação: A professora estagiária Hercília salientou que:

A aula correu bem e que o plano de aula foi cumprido, a aula foi bem conduzida.

Avaliação professora Cooperante: A professora Margarida referiu em relação a esta aula os seguintes aspetos:

A aula foi muito bem conduzida e dada. Os objetivos foram plenamente cumpridos. Os alunos estavam muito interessados e colaborantes.

08 março 2016

A aula de hoje não se realizou porque fomos acompanhar a visita de estudo dos alunos de E.M.R.C do 7º ano. Encontra-se o relatório nas atividades desenvolvidas na escola.

15 março 2016

Esta foi a última aula preparada e elaborada por mim. Assim deu-se o término à unidade letiva II: Deus, o grande mistério. A aula de hoje começou como normalmente acontece nesta primeira hora da manhã.

Depois de ter mais de metade da turma em sala de aula, foi escrito o sumário no quadro para os alunos passarem para o seu caderno. Seguidamente foi pedido aos alunos que respondessem a um questionário sobre a unidade letiva que será posteriormente usado na Relatório Final do Ensino Supervisionado final de estágio como enquadramento desta mesma unidade.

Posteriormente foi feita a autoavaliação dos alunos e entregue os portefólios corrigidos. Foi pedido que oralmente descrevessem o que foi esta unidade para cada um e a sua importância, o que gostaram mais e o que poderia ser melhorado.

Em regra geral, os alunos gostaram bastante, apesar de acharem a unidade letiva anterior mais interessante do seu ponto de vista. Não porque a unidade letiva II não despertasse interesse, mas porque a primeira unidade ia ao encontro das suas inquietações. Como alguns alunos salientavam, que a primeira unidade letiva era mais atual e refletia os problemas éticos atuais que estes viviam.

Não deixaram, contudo, de acharem interessante esta reflexão na unidade letiva em questão, pois obrigava-os a um maior encontro consigo. Curiosamente, os alunos, referiam que isto para eles é que tinha sido o mais complicado, pois não estavam habituados a uma tão grande interiorização.

Um outro ponto referido pelos alunos como mais difícil foi o processo de avaliação, pois segundo a avaliação deles este método através de portefólio obrigava a um acompanhamento mais ativo, ou seja, não puderam esperar apenas pelo momento de avaliação final, visto que este método era constante. O risco de não estar atento nem cumprir as tarefas

da semana, fazia com que não acompanhassem as aulas devidamente.

3.3 Avaliação Global da Prática do Ensino Supervisionado

a) Análise e discussão da prática letiva.

Inicialmente a proposta de lecionar numa escola pública trouxe-me alguma insegurança, isto porque, a minha única experiência de lecionação está ligada ao ensino privado ou ao ensino cooperativo. Por outro lado, passar de salas de aulas cheias com 30 alunos, para uma sala com apenas 15 alunos foi um desafio.

Os meus principais medos prendiam-se com a tradução da linguagem e o contexto de onde estes alunos vem. Tudo isto caiu por água abaixo, visto que a experiência de ter poucos alunos tornou, no meu ponto de vista a lecionação muito mais próxima, podendo dar tempo às intervenções de cada um, bem como a atenção particular à necessidade específica destes.

Ao mesmo tempo surgiram desafios noutros campos, por exemplo lutar contra a pontualidade dos alunos, que cada vez chegavam mais tarde às aulas e contra a gestão de tempo em sala de aula. Se por um lado, às vezes parecia sobrar tempo, por outro, havia assuntos que senti que ficavam tratados superficialmente. Este último ponto foi particularmente delicado, pois haviam questões que eu gostaria de ter aprofundado, mas que fiquei por explicações breves pois de outra forma não respeitaria o programa e o plano de aula. Surge esta tensão ainda, porque no meu entender a disciplina de EMRC deve distinguir-se das demais por uma componente de proximidade a cada aluno.

Neste sentido, e numa busca de proximidade com os alunos, procurei sempre estar a par dos assuntos e temas que para eles são fundamentais que tivessem a ver com o tema lecionado, só assim é que estes ganharam um interesse acrescido. Uma ou outra vez utilizei um exemplo pessoal para explicar alguma dimensão, não que contasse a minha vida, mas como vivi este tema e como procurei soluções. Aliás, avalio como muito positivo esta

dimensão, pois os alunos começaram, no meu entender, perceber que os temas que eram abordados, não ficavam apenas pela teoria, mas tinham de fato um caráter prático. Além de que no início ou final da aula “ganhava” algum tempo indo ao encontro de algum aluno individualmente ou para perguntar se tinha ficado esclarecido ou simplesmente para perguntar como este se encontrava. No meu entender houve progressos enquanto professor. Por exemplo, nas aulas da parte da tarde na Universidade foi abordado pela Professora Cristina Sá Carvalho as diferentes fases pelas quais um professor passa, a fase das inseguranças e dos medos, dos anseios, do questionar se é verdadeiramente bom professor e se responde às expectativas criadas, etc. Confesso que nestes pontos senti-me muito identificado, não só nesta dimensão do estágio, mas dos vários anos de experiência que vou adquirindo. Os medos e receios, bem como as tensões que daqui advém tem sido ultrapassado muito lentamente. Sinto que este estágio está a ajudar-me a cimentar estas dimensões, perder medos, estar mais confiante.

Todas as atividades realizadas com os alunos extracurriculares foram bastante importantes para se estabelecer um outro tipo de relação pedagógica. A proximidade e o exemplo foram avaliados pelos alunos como muito positivo e como fator diferenciador em relação às restantes disciplinas.

b) Planificação das aulas e produção de materiais pedagógicos

Como foi referido anteriormente, as aulas foram planeadas com a prof^a estagiária Hercília, em trabalho cooperativo. Todos os materiais produzidos para as aulas foram repartidos por ambos, no primeiro período.

Nos restantes períodos houve uma diferenciação visto que cada um produziu os seus materiais para a sua unidade de referência.

Assim senti a exigência de preparação de materiais atempadamente e com uma

tradução de linguagem que fosse acessível aos alunos de 9º ano. Por outro a busca de uma coerência de pensamento dos temas preparados para as aulas representava sempre um desafio. Todos os materiais produzidos começavam com um brevíssimo resumo da aula anterior, salvo se o tema em questão não estivesse ligado ao da aula anterior. Como se poderá ver, os materiais foram produzidos com ajuda do manual e o apoio do programa da disciplina, ao mesmo tempo que procurei estar atento à atualidade e aos temas lecionados em sala de aula. Por exemplo no tempo que lecionei a unidade II “Deus, um grande mistério”, as questões dos atentados ligados à religião estiveram na ordem do dia. Por isso mesmo procurei dialogar com os alunos sobre esta realidade fazendo-os perceber que a religião nada tem a ver com a violência.

c) Reflexão global sobre as questões do programa

O programa e as planificações inicialmente preparadas foram cumpridas na integra. Aquilo que não foi cumprido foi por circunstâncias alheias, uma vez porque houve uma greve que não estava planeada dos funcionários da escola, e outra pela necessidade de a professora cooperante acompanhar alunos das turmas do secundário a uma atividade previamente programada. Assim os conteúdos previstos nas planificações foram plenamente cumpridos, juntamente com as metas e os objetivos. O resultado final no meu entender foi excelente, acho que os alunos cumpriram que lhes forma propostos, contribuindo para isso o tema abordado neste primeiro período que foi pertinente.

A finalidade da disciplina de EMRC mostrou ser uma mais valia, uma vez que toca em temas quotidianos da vida de cada um, permitindo encontrar linhas orientadores e momentos de reflexão para a sua vida. Penso que a disciplina de EMRC está muito bem vista na escola D. Fernando II muito devido ao trabalho da professora cooperante Margarida Portugal.

Quanto ao programa, foi plenamente cumprido em todas as unidades letivas.

d) Descobertas

A maior descoberta que fiz neste primeiro período de aulas foi a da programação atempada dos temas bem como a sua reflexão, além disso, uma outra dimensão era a da tensão interior de não corresponder ao que os alunos pediam. Primeiro porque a turma já vinha de um percurso feito com uma professora, e isto poderia levar a termos de comparação, segundo a uma dimensão de tensão em relação a sala de aula. Esta tensão nasce naturalmente da reflexão da lecionação que faço, se sou bom professor e correspondo ao que só alunos procuram nesta disciplina que é opcional.

Tem sido ainda uma ótima descoberta a do trabalho cooperativo, o núcleo funciona muito bem, além disso a troca de experiências tem-se revelado muito profícua.

Um outro campo de descoberta foi a importância de ouvir os alunos e os seus problemas, senti que a maioria das outras disciplinas não tem essa disponibilidade, coisa que os nossos alunos valorizam na disciplina de EMRC.

e) Desenvolvimento de atitudes e competências profissionais

A avaliação do trabalho de grupo na Escola D. Fernando II é excepcional. O trabalho entre a Prof. Estagiária Hercília, a professora cooperante Margarida Portugal e eu tem sido muito profícua. Penso que existe uma complementaridade que se tem revelado muito positiva, tanto na preparação da aula bem como na sua lecionação. Para isso contribui a entrega atempadamente dos materiais que serão lecionados com uma semana de antecedência. Além disso, o bom ambiente, vontade de trabalhar e espírito de equipa contribui de forma muito positiva para um desenrolar de núcleo muito ativo e bom. Nota-se que existe empenho e espírito de equipa, procurando sempre, além de uma sã convivência, uma relação pedagógica com os alunos permitindo-os desenvolver as suas competências e as matérias lecionadas em

sala de aula.

Tem sido um prazer trabalhar com o núcleo da Escola D. Fernando II, muito devido à ajuda da Professora Cooperante e da entrega dos professores estagiários.

Penso que o seminário da na faculdade deveria ser um pouco mais centrado no que se passa nos diferentes núcleos, pois a mais valias das diferentes experiências só enriqueceriam os alunos que frequentam o mestrado.

Quando ao conhecimento pedagógico que tenho adquirido tem sido uma linha sucessiva de descobertas. De facto, poder comparar experiências, observar aulas e ter alguém que nos ajude a refletir sobre o que fazemos é benéfico para descobrirmos os nossos pontos fortes e as nossas debilidades que necessitam de ser melhoradas. A dimensão académica adquirida anteriormente tem sido uma mais valia, pois não só me ajuda cientificamente, como também me ajuda a trazer para a realidade de cada um diferente ponto e vista e exemplos.

Cada vez sinto que mais do que uma vocação ao ensino é uma missão. Poder trabalhar e ensinar pessoas a encontrarem-se e a descobrir a sua dimensão religiosa é visto por mim como um privilégio. Nisto sinto que muito deste crescimento, nasce do desejo de poder transmitir algo novo e valioso aos alunos, bem como a minha curiosidade natural da interpelação dos temas tratados. Sinto que ao longo dos tempos tenho vindo a libertar-me de ansiedades e tensões, sobretudo no medo de falhar ou não estar à altura. Por exemplo, tenho vindo a refletir de como a minha presença na sala de aula ajuda a empolgar ou a acalmar os alunos.

Da pouca experiência que tenho sinto que correspondo ao perfil adequado de professor de EMRC.

f) Assiduidade e disponibilidade para a PES

A assiduidade e pontualidade foram sempre cumpridas, procurando mesmo na escola

do estágio estar na sala de aula antes do toque inicial para poder acolher os alunos e ter todo o material preparado antes destes chegarem. Não houve qualquer falta.

g) Avaliação Global da PES

A avaliação global é muito positiva, tanto a nível pessoal, como da escola atribuída, e na cooperação com o par pedagógico. Na unidade que foi lecionada em conjunto notou-se uma cooperação entre os dois, bem como um esforço para apresentar os materiais atempadamente para serem revistos pela professora cooperante. Enquanto núcleo o trabalho desenvolvido foi excelente e exigente. A relação com a professora cooperante Margarida Portugal é fantástica e que fica demonstrado pelo grau de exigência e ao mesmo tempo de à-vontade e de elevada interação dos três membros do núcleo. Esta relação faz sentir que tenho aprendido bastante o que me deixa verdadeiramente contente e com vontade de fazer mais e melhor. O ambiente de escola é muito acolhedor e a aceitação por parte dos alunos é fenomenal.

o trabalho da PES foi exigente, mas o esforço demonstrado é muito satisfatório.

4. Pergunta de partida: como falar hoje do grande mistério de Deus?

A pergunta de partida que me levou a realizar uma investigação junto aos alunos e que seguirá em anexo, era tentar perceber se dentro do universo dos alunos de 9º ano de escolaridade inscritos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica a dimensão religiosa estava de facto presente. E perceber ainda, em que medida o tema de Deus e da Religião é pertinente num mundo juvenil cada vez mais marcado pelos ataques à religião ou ao religioso.¹²

¹² Quando falo em constantes ataques à Religião ou ao Religioso, falo da imensidão de notícias de ataques à Igreja enquanto instituição, ao desgaste da imagem, ao descrédito que os membros da igreja, ou mesmo à questão religiosa em geral. Por exemplo quando os meios de comunicação social constantemente falam de “guerras religiosas”, da questão do terrorismo na Europa em nome da religião, dos fundamentalismos, etc.

Dentro desta perspectiva nasce a desafiante questão de como falar do grande mistério que é Deus. Por um lado, a dimensão de mistério implica sempre um não conhecimento da realidade, ou seja, como mistério levará sempre a um campo especulativo. Este campo especulativo é sempre contrário à dinâmica da vida que vivemos, onde o empírico, a certeza, o visível, o quantificável ou mensurável são o que realmente importa. Vemos, por exemplo, que alguns cursos do ensino secundário são menosprezados, como as artes ou as humanidades, porque está consciencializado, entre os alunos e entre alguns professores, que quem segue estas áreas são aqueles que não revelam capacidade para os cursos que realmente importam, como a área científica ou económica.

Por isso falar de Deus nos dias de hoje é um enorme desafio. Desafio porque dentro da sociedade contemporânea este horizonte cultural/religioso está cada vez mais a desvanecer. Ao perdermos as dimensões culturais que são marcantes por causa da invasão de outras culturas, perdemos o que nos enraíza como povo e sociedade e o que caracteriza enquanto pessoas com a mesma identidade.

Claro que ao perdermos estas dimensões culturais perdemos igualmente referências religiosas. Por isso, o desconhecimento religioso é cada vez maior. Mais ainda, e mesmo dentro deste conhecimento religioso existe a problemática de uma linguagem que é característica à própria dimensão religiosa. Termos um Jesus bom pastor, como metáfora agrícola ou pecuária que sempre fez parte do nosso ambiente cultural, nos dias de hoje torna-se completamente vazio para os nossos alunos. Poucos são aqueles que conhecem a realidade do pastoreio e que caracterizam um pastor e um rebanho. Transmitir imagens que já não fazem parte do horizonte imagético dos nossos alunos pode levar a uma perda de significado simbólico e logo ao desinteresse. Entender a realidade transmitida torna o símbolo mais real e mais forte.

5. Aferição, resultados e análise.

A aferição foi realizada, conforme já referido, aos alunos da Escola D. Fernando II de Sintra do 9º ano de escolaridade que frequentam as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.

Estas perguntas surgiram no diálogo entre a professora cooperante e a colega de estágio, parecendo-nos que seriam as mais indicadas.

O total da aferição feita é de 46. A importância desta aferição era perceber se, tanto quanto possível, a questão antropológica que tratarei na segunda parte do Relatório Final do Ensino Supervisionado faz parte do horizonte dos alunos que frequentam EMRC ou não, visto que está inserida na Unidade Letiva II, de 9º ano de escolaridade, “Deus, o grande mistério”.

Atualmente a escola D. Fernando II acolhe 790 alunos (224 do 2º ciclo; 446 do 3º ciclo e 120 do secundário) e 85 professores (13 dos quais do ensino secundário), tem 32 turmas do ensino regular, uma das quais de percurso curricular alternativo, e duas turmas de curso vocacional básico de 3º ciclo. Todas as turmas da escola têm alunos inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica à exceção de duas turmas do ensino secundário. A percentagem total de alunos inscritos na disciplina ronda os 50%.

Desde o ano letivo 2012/2013 a Escola Básica 2/3 de D. Fernando II passou a fazer parte do Agrupamento de Escolas Monte da Lua constituído por três unidades orgânicas:

- Escola Secundária de Santa Maria (sede)
- Unidade de D. Fernando II
 - Escola Básica 2/3 de D. Fernando II;
 - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Sintra;
 - Escola Básica 1/Jardim de Infância da Portela;
 - Escola Básica 1/Jardim de Infância de São Pedro;
 - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Linhó;

- Escola Básica 1/Jardim de Infância de Ranholas.
- Unidade de Colares
 - Escola Básica Integrada de Colares;
 - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Mucifal;
 - Escola Básica 1/Jardim de Infância de Galamares;
 - Jardim de Infância de Azenhas do Mar.

6. Enquadramento da aferição

A aferição foi feita a 46 alunos que frequentam as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica do 9º ano na escola D. Fernando II, tal como anteriormente tinha referido, e não só à minha turma de referência, mas a todas as outras turmas com alunos inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica. O objetivo desta aferição é tentar perceber se se encontra no horizonte destes alunos a questão religiosa ou se simplesmente existem outros fatores condicionantes que os levam a frequentar as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica. O estudo realizado através desta aferição, não pretende dar uma resposta nacional à questão, mas está centrado apenas neste universo onde lecionei, até porque estou consciente da limitação que este estudo apresenta.

Noto que algumas questões poderão parecer semelhantes, mas foram realizadas com o intuito de despiste.

a) És religioso(a)?

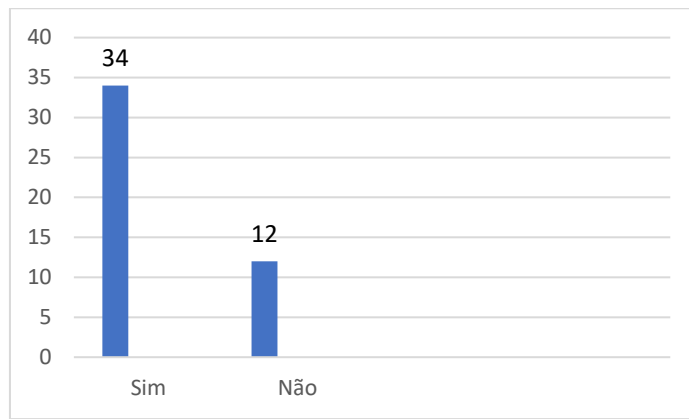


Gráfico n° 1

Como podemos constatar pelo gráfico a maioria dos alunos diz ser religioso: trinta e quatro alunos. Doze alunos, dizem não ter qualquer religião.

Predomina ainda, dentro da disciplina, uma maioria que se diz religiosa. Não deixa de ser interessante constatar que os alunos que dizem não ter qualquer religião frequentem as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, visto que estas aulas são de carácter religioso. À partida os alunos que se dizem não religiosos seriam os primeiros a não querer frequentar qualquer disciplina marcada pela questão religiosa. O que os levará a optar, então pela Educação Moral e Religiosa Católica? É uma questão que não pode ser respondida, mas que deixa uma interrogação que me parece bastante interessante e pertinente.

b) És católico?

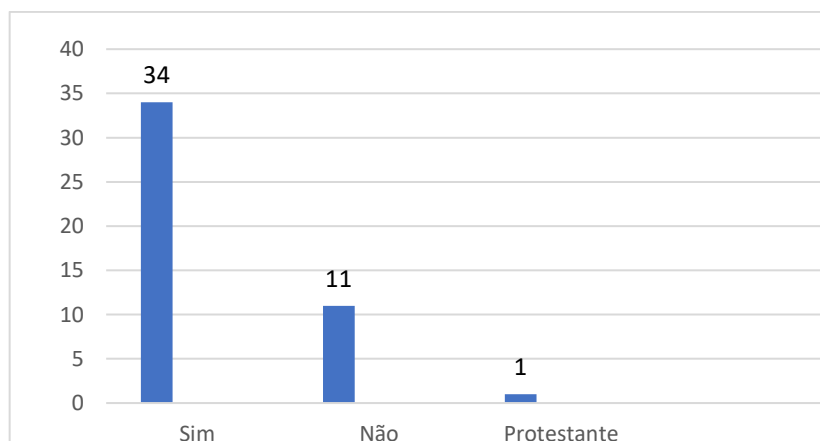


Gráfico n° 2

Podemos constatar através da análise deste gráfico, que o mesmo número de alunos que se diz religioso afirma-se católico, ou seja 34 alunos. 11 alunos afirmam que não são católicos, menos um que o gráfico anterior, contudo temos de ter em conta 1 aluno que se diz protestante, perfazendo assim os 46 alunos que responderam à aferição.

Para mim é interessante constatar que 1 aluno apesar de ser de confissão protestante frequenta as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica. Podemos ver que apesar da confissão religiosa de cada pessoa, a dimensão da busca de Deus e a reflexão sobre Este é um tema importante na construção da pessoa humana.

c) Frequentas a catequese ou algum grupo ligado a algum movimento religioso?

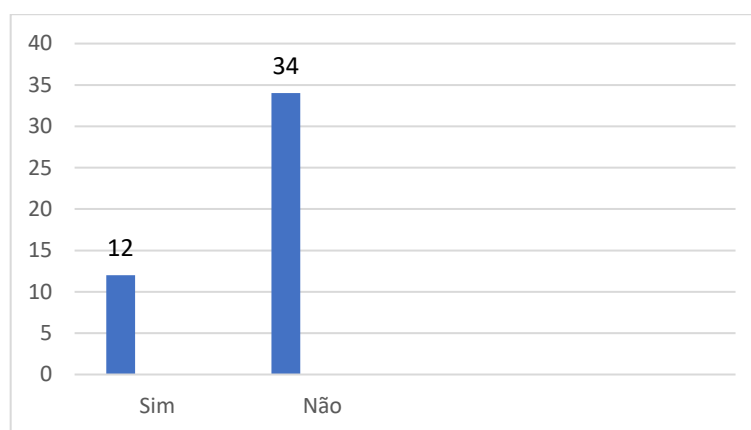


Gráfico nº 3

Os dados apresentados por este gráfico são dignos de aprofundamento, visto que num universo maioritariamente de alunos religiosos, quando confrontados com a questão do empenho ou compromisso, vemos uma clara diminuição, sendo que aqueles que se diziam católicos ou religiosos, vivem esta dimensão apenas na sua esfera privada. A realidade mais próxima de uma comunidade cristã que os alunos frequentam é a própria disciplina de EMRC

Os alunos que pertencem a um movimento religioso são doze enquanto os alunos que não pertencem a nenhum movimento são trinta e quatro.

d) Porque optaste pela disciplina de EMRC?

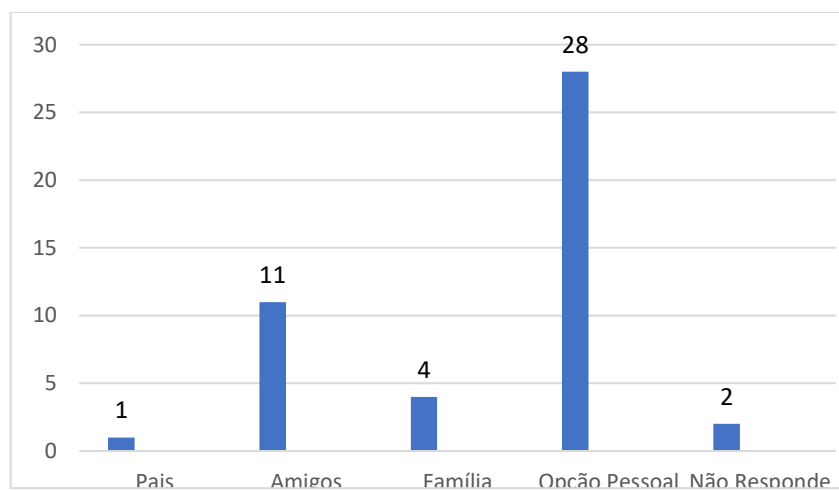


Gráfico nº 4

O gráfico mostra-nos que o fator mais importante na escolha da disciplina é a opção pessoal. Assim respondem 28 alunos, seguindo-se o fator «amigos» com 11 alunos. Os últimos três fatores de escolha referem-se à sugestão dos pais, (um aluno) ao estímulo dos amigos (11 alunos a referirem que foi o fator mais importante de escolha) e finalmente dois alunos que não responderam à questão.

e) Já alguma vez te sentiste inquietado por alguma razão que desconheces?

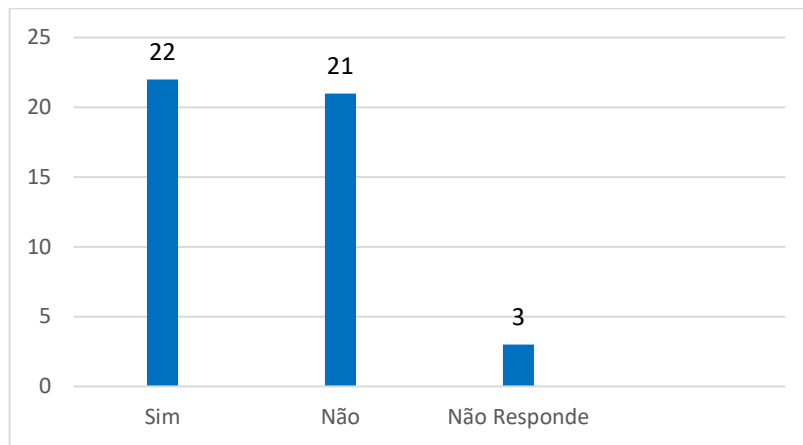


Gráfico nº 5

Este gráfico representa os alunos que de alguma forma se sentiram inquietados interiormente: cerca de 22 alunos. Enquanto aqueles que dizem que nunca sentiram nenhuma inquietação interior são 21 alunos. Interessante ver uma proximidade entre estas duas realidades. Os que experimentaram e os que nunca experimentar esta inquietação interior. Seria curioso perceber qual o fenómeno ou situação que levou as pessoas a experimentar esta dimensão. Dois alunos não responderam à questão.

f) Nalguma situação difícil recorreste a Deus?

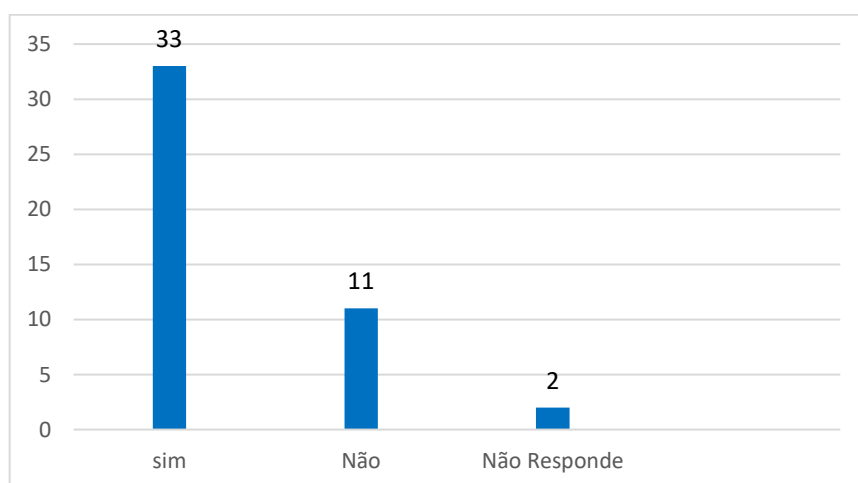


Gráfico nº 6

Interessante notar que a maioria dos alunos já recorreu a Deus por alguma razão pessoal. Torna-se ainda pertinente quando comparamos este gráfico com os gráficos anteriores. Por um lado, frequentam pouco a Eucaristia, por outro a dimensão de ligação ao transcendente é muito menor do que a quantidade dos alunos que refere que já recorreu a Deus. Será por superstição, por desespero ou porque de facto sentiram a necessidade desta ligação através da fé?

São 33 os alunos que admitem ter recorrido a Deus, 11 nunca o fizeram e 2 não responderam à questão. São estas contradições que procuro encontrar no meu estudo, e que serão importantes para a segunda parte do meu trabalho.

g) Já necessitaste de estar em silêncio?

Antes de analisar os resultados das seguintes questões gostaria de justificar a sua pertinência, como referi num ponto inicial, procuro perceber contradições, e motivos que me levem a perceber se a questão de Deus faz sentido aos nossos alunos ou não. Ora, uma das dimensões essenciais expostas pelos Padres da Igreja e mesmo pelo próprio percurso pessoal de adesão a Deus é o silêncio. Vejamos, por exemplo, a importância do silêncio nos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loiola ou mesmo dos eremitas que se refugiavam no silêncio do deserto ou nalgum local mais resguardado. Mesmo a tradição dos padres orientais através da *filocalia* apela ao silêncio. Ora em todos os exemplos citados a dimensão do silêncio é fundamental para uma busca pessoal da fé. A grande questão que me coloco é se no nosso quotidiano há tempo para parar e fazer silêncio. Aliás é comum percebermos que quando uma pessoa se torna importante para nós, o silêncio deixa de ser incómodo, e passa a fazer parte dos elos que estruturam essa mesma relação. Estar em silêncio consigo mesmo é uma forma de busca da resposta às inquietações pessoais.

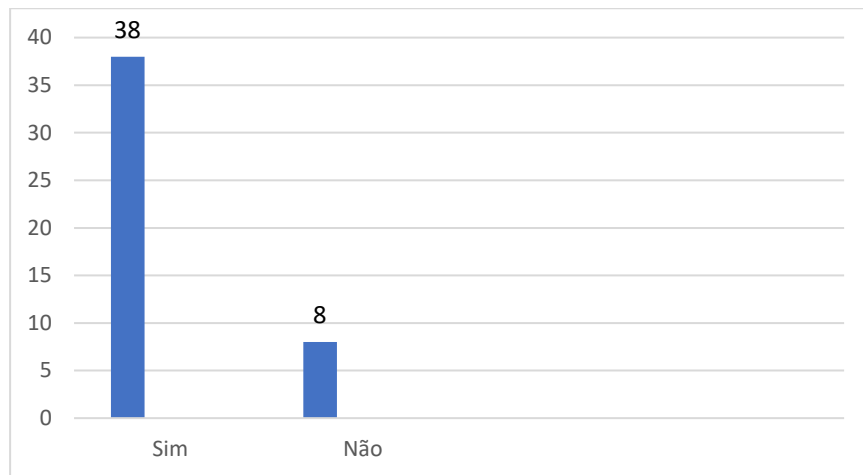


Gráfico n° 7

A dimensão de interioridade é necessária mesmo nos dias de hoje em que os nossos jovens têm cada vez menos tempo e procuram preenchê-lo de uma forma intensa. No entanto, é de notar que a dimensão do silêncio ainda surge como uma necessidade de cada um. Vejamos que apesar da dimensão religiosa de cada um ser cada vez menor em comparação com gerações passadas, a dimensão da busca do silêncio ainda surge como necessidade. Vejamos que 38 alunos procuram o silêncio contra 8 que não o fazem, nem sentem necessidade.

h) O silêncio incomoda-te ou tranquiliza-te?

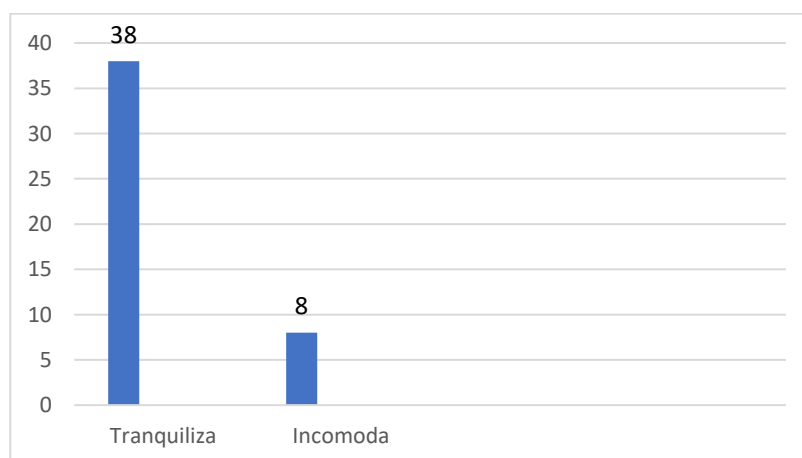


Gráfico n° 8

Na mesma medida que o silêncio se torna importante a tranquilidade que este fornece a cada um dos alunos é notória. Curioso é que as pessoas a quem o silêncio tranquiliza têm o mesmo resultado dos que procuram o silêncio: 38 contra 8 que se sentem incomodadas. Apesar dos números serem os mesmo do gráfico anterior, não quer dizer necessariamente que sejam as mesmas pessoas.¹³

A questão foi levantada pois verifico que a dimensão de estar em silêncio é cada vez mais exigente para os nossos alunos, talvez porque a sociedade constantemente coloca à sua disposição mecanismos em que combate o silêncio e o estar só, através dos telemóveis, dos mp3 ou das redes sociais. Surge uma questão para mim: porque é que o aluno tem medo de estar em silêncio?

i) Rezas?

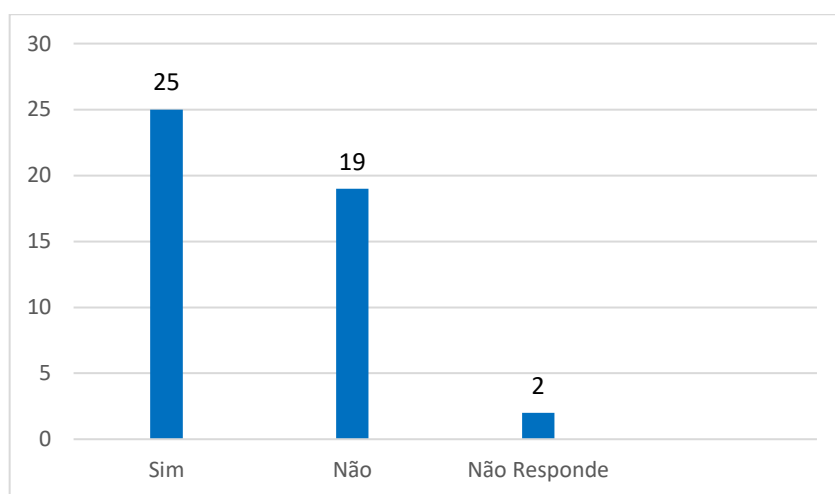


Gráfico nº 9

Quando olhamos para os dados recolhidos vemos que 25 alunos dizem que rezam, se bem que alguns frisaram que não o fazem quotidianamente, enquanto 19 dizem que não o fazem e 2 simplesmente não responderam à questão.

j) Já houve algum momento de silêncio que foi particularmente marcante para ti?

¹³ Tive a oportunidade de na atividade do 9º ano que foi realizada no Quartel do Entroncamento, de realizar uma atividade em silêncio com os alunos. Analisarei na segunda parte do trabalho o resultado obtido.

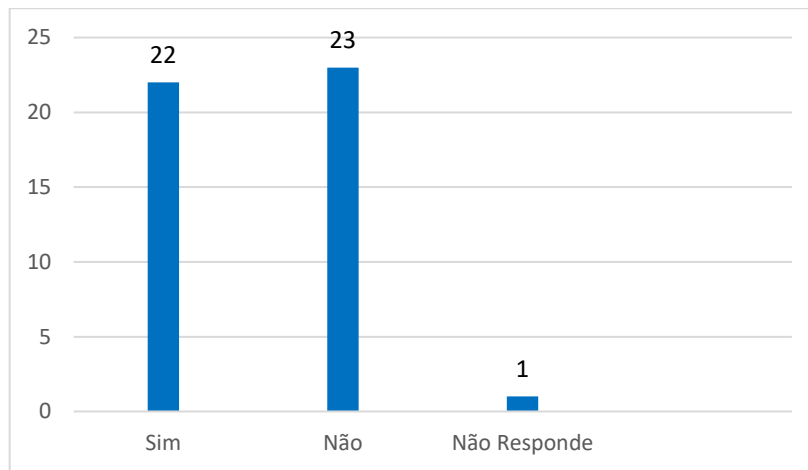


Gráfico nº 10

Quando questionamos a experiência que os alunos alguma vez tiveram em momentos de silêncio vemos que 22 dizem que esta experiência foi marcante enquanto 23 dizem que não, 1 aluno não respondeu. Dentro dos alunos que responderam não, estão incluídos os que nunca tiveram nenhuma experiência de silêncio e os que já tiveram. As perguntas que ficam por responder são: onde é que foi feita esta experiência de silêncio? Através de algum movimento ou simplesmente pela necessidade individual de cada um? Em que contexto foi feito, qual o espaço utilizado, houve orientação ou não?

k) Já falaste de Deus a alguém?

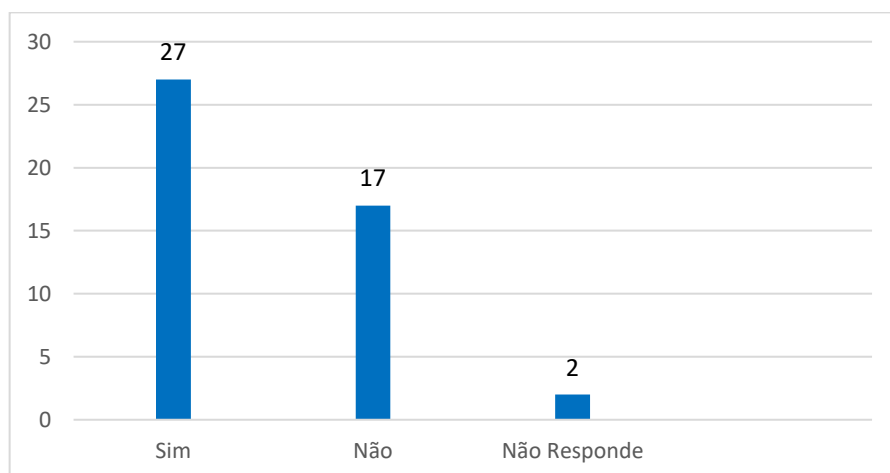


Gráfico nº 11

Vemos que a maioria dos alunos que frequentam as aulas de EMRC já falaram de Deus a alguém: 27, enquanto 17 dizem que nunca o fizeram e 2 não responderam. Não deixa de ser interessante que ainda exista uma maioria que tem necessidade ou curiosidade de falar em Deus.

d) O que é mais importante para ti na disciplina de EMRC?

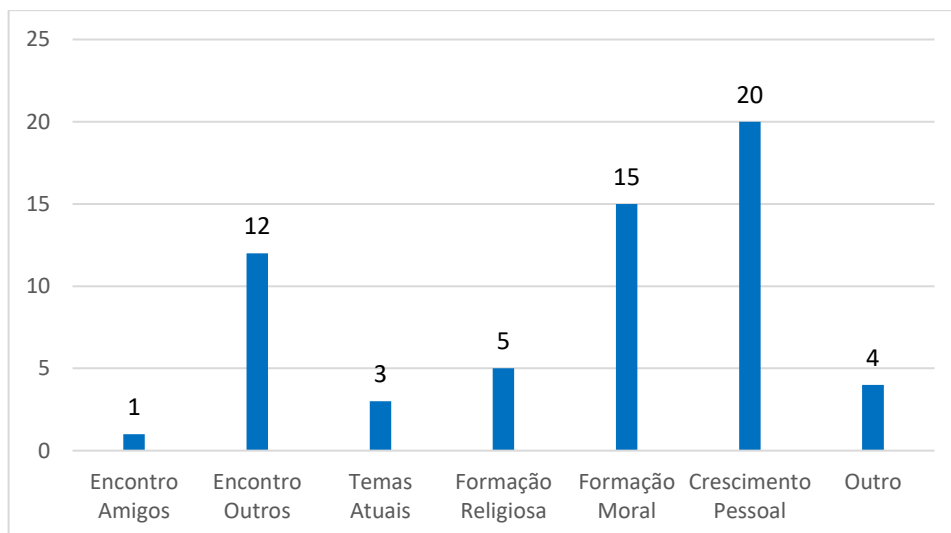


Gráfico nº 12

Alguns alunos não conseguiram dar uma só resposta à questão, por isso mesmo em algumas turmas os alunos seleccionaram mais que uma das opções propostas, daí o resultado não ser 46.

Parece-me legítimo que a dúvida surja e por isso mesmo, ainda que não tivesse previsto uma escolha múltipla para esta questão, ela é agora analisada nesses termos, tal é a sua importância.

No momento da escolha da disciplina de EMRC são vários os fatores decisivos. Faço notar que nos dois primeiros lugares encontram-se duas dimensões ligadas com a dimensão pessoal, o crescimento pessoal com 20 seguida da formação moral com 15 (fico na dúvida se os alunos não foram induzidos a responder “formação moral” por consequência da designação habitual à disciplina de EMRC como “moral”, tão só, sem que se faça com regularidade a devida referência à dimensão religiosa em si, coisa que temos vindo a discutir desde o primeiro ano de mestrado), posteriormente o encontro com os outros 12, seguido da dimensão religiosa 5. Finalmente 4 apresentam outros motivos que são importantes na disciplina como os temas atuais, 3 e apenas 1 aluno referiu o encontro com os amigos.

m) Já tiveste necessidade de falar com alguém sobre Deus?

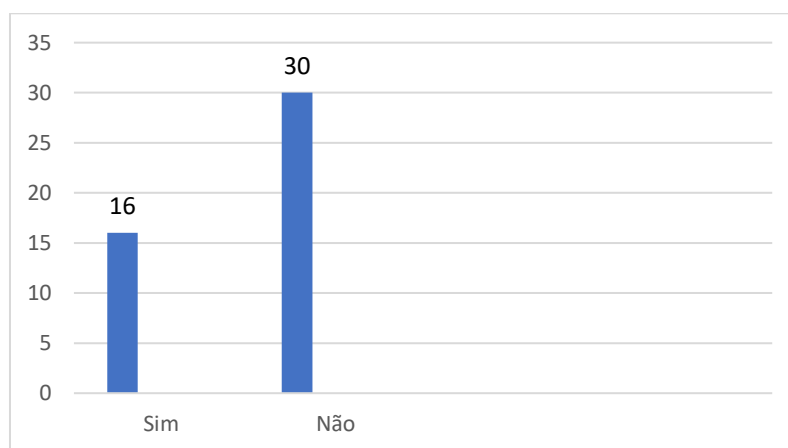


Gráfico nº 13

Podemos ver que a questão de falar de Deus a alguém é complexa. 30 dos alunos questionados simplesmente não o faz e portanto, mais uma vez algumas questões surgiram. A primeira é porque é que não o faz? Existe uma cultura de *tabu* sobre esta questão? É tão do foro pessoal que é algo que nem sequer é equacionado falar em público? Cada um sabe de si? A própria sociedade está cada vez mais a condicionar estes temas para as margens?

É bom salientar que mesmo assim 16 alunos falam sobre Deus, por outro lado, a questão é sobre Deus e não sobre a questão religiosa, pois com os atentados na Europa é uma

questão muito central.

n) Quem foi a pessoa que mais te falou de Deus?

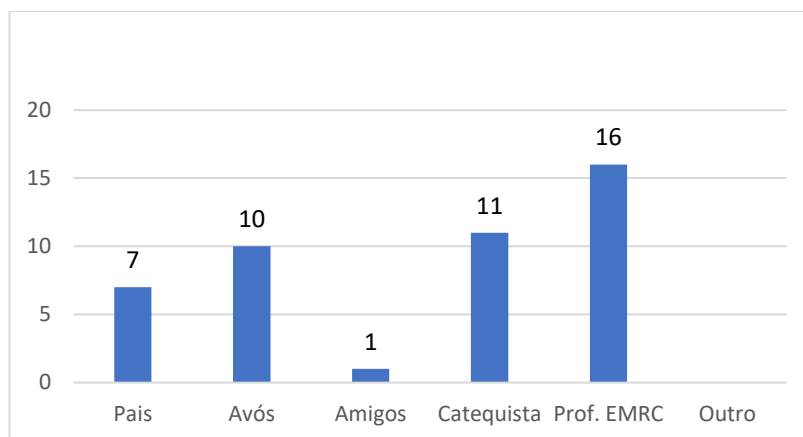


Gráfico nº 14

Podemos verificar que as pessoas que mais falam de Deus, para estes alunos, são os professores de EMRC 16, seguidamente os catequistas, tendo sido referido por 11 alunos e os avós com 10; só depois vêm os pais, 7 alunos. Para fechar a lista outros 2 alunos referem: outros, e amigos apenas é referido por 1 aluno.

Perceber que a escola tem um papel fundamental através do professor de EMRC na relação com Deus, é uma responsabilidade que deve ser tida em consideração pela própria escola. Uma sociedade onde não se discuta nem reflita sobre a dimensão de Deus, torna-se em si mesma vazia, transformando todos os seus valores em bens materiais.

Por outro lado, encontramos na família (pais e avós) o local privilegiado na transmissão do sagrado e da relação com Deus. Seria interessante analisar o papel dos pais na educação dos filhos, não só na educação religiosa, mas em toda a educação, uma vez que este é o pilar fundamental da formação dos nossos jovens. Com tanto para fazer, muitas famílias esquecem que são o centro da formação dos filhos e a escola é um complemento e desta forma, algumas demitem-se do papel principal e passam a dimensão educativa para a escola e para os avós.

Resta saber se essa demissão da responsabilidade parental na formação dos filhos não

terá a ver com a iliteracia religiosa.

o) Em momentos de tristeza ou solidão a quem recorres?

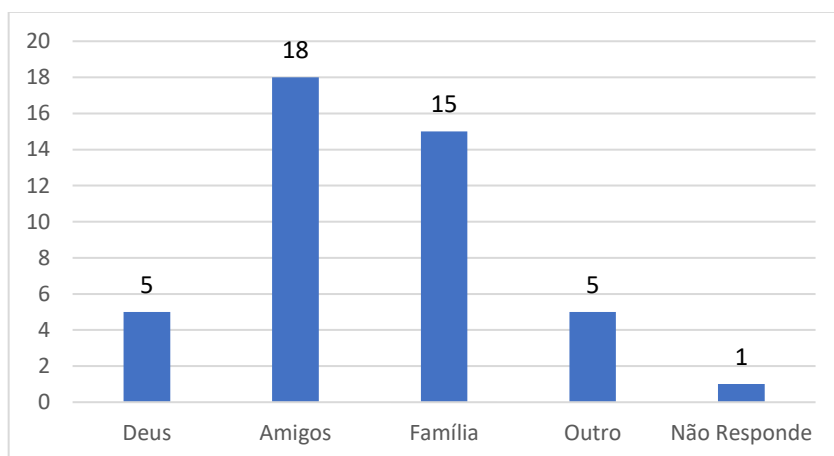


Gráfico nº 15

A maioria dos nossos jovens recorrem aos amigos quando sentem mais tristeza e solidão. A família surge logo a seguir. Se por um lado os alunos dizem que já recorreram a Deus num momento aflitivo da sua vida, nos momentos de solidão, só 5 alunos admitem recorrer à dimensão transcendental quando algum problema os afeta.

p) Achas que a dimensão espiritual é importante?

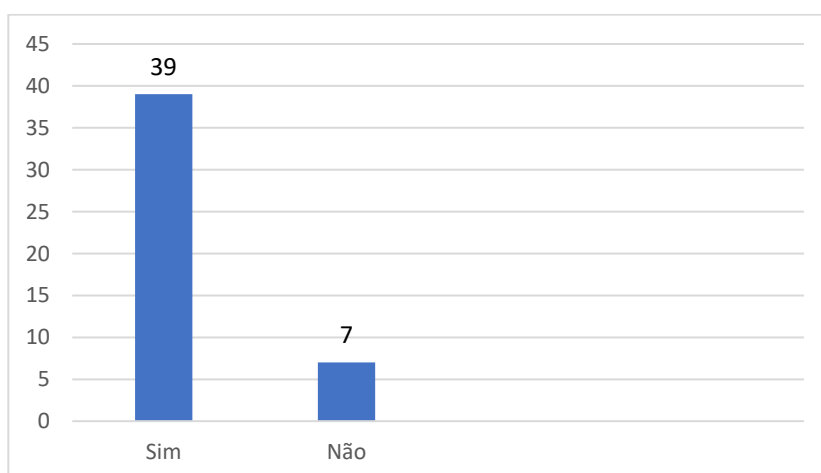


Gráfico nº 16

Interessante perceber como, apesar de todo o ceticismo e de uma quantidade grande de alunos que se diz não crente, existem tantos alunos que percebem que a dimensão espiritual faz parte da sua realidade, tendo uma maioria significativa respondido que a dimensão espiritual é importante. De facto, esta questão é importante pois daqui partirá a segunda parte do meu trabalho.

7. Conclusão do estudo dos gráficos

Esta aferição assenta na temática “Deus, o grande mistério” da unidade letiva II. Por isso mesmo a pergunta de partida é “Como falar hoje do grande mistério de Deus?”. Pretendo com esta aferição mais do que chegar a uma resposta definitiva, pois tenho perfeita noção que a aferição está circunscrita a um lugar e a um grupo muito pequeno de aluno, contudo procuro tentar perceber o que leva, em primeiro lugar, como falar de Deus nos dias de hoje aos alunos a inscreverem-se na disciplina de EMRC, visto que esta disciplina não é de carácter obrigatório e depois tentar perceber se a questão religiosa ainda se encontra no horizonte juvenil, nomeadamente dentro da Escola D. Fernando II de Sintra.

Pelas respostas dos questionários podemos concluir que muitos destes alunos ainda gravitam à volta das questões do religioso, apesar de cada vez mais estar presente que esta dimensão é apenas do fórum privado.

Por outro lado, esta dimensão religiosa torna-se importante para esses alunos como fundamento da sua dimensão de pessoa, sobretudo porque ainda é um tema que estes discutem entre si e existe interesse por parte destes.

Realizar este questionário foi um trabalho muito interessante do ponto de vista docente, primeiro para conhecer melhor quem são os alunos a quem lecionei este ano e depois para ir ao encontro da realidade religiosa em que estes vivem.

Se por um lado este questionário me apresenta o perfil do meu aluno e já por isso valeu a pena, por outro é insuficiente para responder ao que é pretendido, não só porque o universo presente é muito heterogéneo, mas também porque os alunos presentes na sala de aula são movidos pelas mais diversas causas e só um estudo personalizado de cada um, com conhecimento efetivo das respetivas famílias poderia fornecer-nos dados mais precisos. Desde o início que estou ciente das dificuldades e limitações destes dados. Assim, este estudo serviu como mote introdutório para a segunda parte do meu trabalho, onde procuro responder à questão central do trabalho, “Como falar hoje de Deus aos nossos alunos.”

As conclusões que foram por mim aferidas são apenas uma mostra do universo juvenil e da cultura onde vivemos. Imagino que a aferição aplicada numa outra região geográfica e cultural teria um resultado diferente. Sei que o estudo é limitado, mas estou consciente da limitação do estudo, que considero um ponto de partida para compreender as novas necessidades da transmissão da disciplina.

II. Parte: Desenvolvimento do trabalho teórico sobre a Unidade II do 9º ano: Deus, o grande mistério.

1. Nota Introdutória

O ponto de partida por mim escolhido nasce da prática do ensino supervisionado. Visto que para uma melhor gestão das aulas e para um melhor seguimento dos alunos das mesmas utilizamos o manual do 9º ano da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pensei utilizar a mesma planificação do manual para a exposição do tema.

Por conseguinte, sei que estarei limitado por um lado à dimensão do Relatório Final do Ensino Supervisionado e por outro pelas múltiplas questões que os temas por mim estudados apresentarão. Consciente deste risco, procurarei assim expor a temática em questão bem como farei uma análise à lecionação.

2. Será que Deus existe? Um desafio para um mundo cada vez menos crente.

Naturalmente necessitamos de perguntas para que possamos evoluir. O homem face a uma questão procura sempre uma resposta ou solução. O mesmo poderemos dizer quando colocamos a questão de Deus. É nesta dimensão de procura que todo o homem se confronta com três grandes questões que estão na charneira da inquietação humana, a saber: Quem sou? De onde venho? Para onde vou?

Destas três grandes questões o ser humano é induzido a experimentá-las face a situações existenciais, como a experiência de sofrimento, de finitude, de ausência de sentido ou então passam pela experiência de encontro, de verdade, de felicidade.

A questão da origem existencial e criadora do universo, quando o homem se desenvolve, começa a fazer parte da sua inquietude. Esta inquietude que nasce da profunda consciência da solidão humana em si mesma, na existência do mal, do sofrimento ... mas pegar nestes pontos aqui abordados faria que a Relatório Final do Ensino Supervisionado se alongasse demasiado, isto por um lado, por outro lado da experiência vivida no estágio, a

dimensão do mal e do sofrimento foram tocadas, nomeadamente nas aulas em que falamos do aborto ou da eutanásia, mas são questões práticas e não tão teóricas. Ou seja, por um lado os alunos experimentam estas situações (que foram expressas em sala de aula), contudo foram apresentados numa fase inicial, fase esta associada à pré-adolescência que fez com que os alunos iniciassem a questão, mas de uma forma ainda superficial de quem começa a ter consciência da realidade humana. Neste sentido, no meu entender não faz sentido um desenvolvimento destes temas, mas a apenas a sua referência, para percebermos de que modo a questão existencial nos pode abrir à questão de Deus.

Quem é Deus? esta questão parece-me cada vez mais pertinente numa sociedade em que “a mentalidade moderna, materialista e tecnológica, secularizada e por de mais pragmática, vive á margem de Deus, contestando mesmo a sua realidade”.¹⁴ Esta questão está presente nos nossos alunos que se inscrevem na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. O que não deixa de ser curioso e ao mesmo tempo desafiador. A vida humana parece que encontra respostas na dimensão das ciências naturais que tudo tentam explicar de forma mesurável, palpável e visível. O que foge a estes critérios é colocado em questão passa para a dimensão da crença pessoal que nada tem a ver com o mundo tecnológico e científico. Poderia tentar encetar uma panóplia de respostas para esta questão, correndo o risco de me situar sempre num domínio teológico e filosófico. Nestas dimensões teológicas e filosóficas entraríamos sempre na questão do ser absoluto, do infinito criador do mundo finito, etc. Conceitos caros a vários filósofos como Heidegger, Marion, Levinas entre outros, mas que nos centraria sempre na mesma dimensão.

Neste sentido é necessário procurar uma via de diálogo com o mundo contemporâneo. Mesmo porque as dimensões teológicas e filosóficas encerram dois problemas, “em primeiro lugar é necessário não confundir os nossos conceitos humanos e imagens que acompanham com a realidade que eles exprimem de maneira deficiente. A realidade inefável que se encerra

¹⁴ FREITAS, Manuel Barbosa., AAVV, *Falar de Deus hoje*, Editora Didascália, Lisboa 1992, 3.

em Deus é infinitamente mais rica, mais admirável e mais amável do que podemos imaginar e partir dos nossos conceitos. Em segundo lugar, não podemos esquecer que o conhecimento metafísico é um conhecimento indireto e incompleto. Indireto, visto que conhecemos por intermédio de seres finitos e por oposição aos mesmos. Incompleto, visto que não o conhecemos senão como não causa do finito, quer dizer, na medida em que se manifesta nos seus efeitos.”¹⁵

Para adensar esta problemática o homem contemporâneo tornou-se ele mesmo autossuficiente, aliás vivemos quase num processo esquizofrénico, vejamos por exemplo a sala de aula. A figura do professor como detentor do saber, aquele que guiava o aluno no seu percurso de aprendizagem e ao mesmo tempo de crescimento é muitas vezes posto em causa pela sabedoria quase imediata que se encontra no telefone ligado à internet. O mesmo passa-se com a realidade de Deus. Quando Nietzsche proclama a morte de Deus¹⁶, é já um final de um percurso longo da questão da existência de Deus. Ora “a morte de Deus é a morte do princípio da inteligibilidade que outorga realidade aos seres e orienta o homem na vida, dando-lhe sentido a uma finalidade.”¹⁷ Sem esta realidade o homem acaba por se aniquilar ao cair num abismo do não sentido. O homem perde uma referência superior que lhe concedia um sentido e uma orientação para as suas ações. Mais ainda, a própria noção de Bem, “sem Ele [Deus] o Bem perdeu o seu fundamento, e se nos esforçarmos por ser virtuosos é tão somente por uma razão de capricho.”¹⁸

Como consta no meu relatório, nomeadamente no que concerne à “Unidade Letiva II: Deus o grande mistério”, a questão de Deus está cada vez mais escondida, ou surge mais tarde. Na realidade a maturidade cada vez chega mais tarde apesar das respostas serem necessárias mais cedo.¹⁹

¹⁵ *Ibidem*, 12.

¹⁶ NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, Lisboa, 1967, 145.

¹⁷ SERRA, José Pedro., AAVV, *Falar de Deus hoje*, Editora Didascália, Lisboa 1992, 67.

¹⁸ *Ibidem*, 67.

¹⁹ Um dos pontos que notei sobre esta realidade, foi quando questionei os alunos de quais os objetivos futuros e o porquê da escolha dos cursos para o 10º. Ano de escolaridade. Quase todos não sabiam o que queriam,

Então, como podemos falar de Deus aos nossos alunos? A resposta do autor é a pessoa de Jesus Cristo. Em Cristo que este diálogo com o metafísico se torna real, como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ele é a imagem desta revelação divina. Por um lado, porque este Cristo é histórico e por outro porque ele é perfeito testemunha de Deus. Ele é a testemunha do Pai face ao homem criado.

2.1 Qual o limite do acreditar humano? (crença vs razão)

Esta questão pareceu-nos bastante pertinente quando abordamos o tema na sala de aula. Na realidade o limite do acreditar humano centra-se na impossibilidade de provar a existência de Deus, ou de uma certa forma, de não querer saber para não viver na angústia da procura. Claro que podemos chamar nomes concretos a este limite do acreditar, por um lado temos o ateísmo e por outro o agnosticismo.

Mesmo dentro destas categorias ainda podemos subdividi-las, por um lado um ateísmo teórico, através de uma afirmação categórica da não existência de Deus, por outro um ateísmo mais prático, através das pessoas que vivem sem qualquer referência a Deus, indiferentes à questão do sobrenatural. Na realidade esta dimensão do ateísmo pode levar-nos a um vazio existencial enorme pois confrontados com o fim último da morte e o vazio provocado pela não existência de vida eterna ou de Deus faz-nos questionar o então para que serve viver? Ou por outro lado, toda a questão do mal e da sua existência.

Quando falamos de limites estamos a impor um termino á questão e a questão de Deus não se esgota, por isso mesmo o limite do acreditar humano centra-se no acolher do mistério e confiar. Acolher o mistério na medida que é um mistério, por isso toda a experiência de fé diverge de pessoa para pessoa. Por outro lado, o confiar no próprio mistério. O que é bastante

escolhiam os cursos porque um ou outro amigo também o fazia ou então porque eram cursos que abriam mais portas futuras no acesso ao ensino superior.

complicado quando vivemos num mundo cheio de certezas científicas. Daí a importância do ponto que se segue.

2.2 A certeza da ciência humana Vs a fé da crença em Deus.

A nossa realidade quotidiana está cada vez mais profundamente marcada pela dimensão das ciências ou melhor dizendo do científico. A palavra ciência, tem como significado “conjunto de conhecimentos fundados sobre princípios certos; saber, instrução, conhecimentos bastos”²⁰. Contudo a ciência é sempre feita pelo Homem, ou seja, “nós [seres humanos] é que nos podemos ver como cientistas, como pessoas que ou servem ou utilizam as ciências”²¹ Claro que a ciência é um dos saberes, e que nos dias de hoje se torna incontornável em tantos campos, desde o campo da saúde ao campo tecnológico, contudo ela em si não é o saber, mas um dos ramos de saberes.

Por outro lado, a questão científica é de tal forma central na nossa sociedade que para que algo seja verdadeiro tem de ser provado cientificamente, ou melhor, empiricamente. Aliás, este é um dos principais problemas que a ciência tem em mãos, pois esta dimensão empírica das ciências pode ser limitadora, visto que a ciência é também feita de intuição (como podemos constatar na teoria de Thomas Kuhn, no seu livro “A estrutura das revoluções científicas”)²². Esta ciência empírica leva a um empobrecimento que faz com que resulte tecnicamente perfeita e humanamente privada de significado, “já não tem nem a coragem nem talvez a capacidade ou a imaginação de suscitaras interrogações fundamentais.”²³ Mergulha assim num dogmatismo.

²⁰ <https://www.priberam.pt/dlpo/ciencia> Acedido em 16/05/2018.

²¹ M, PEREIRA, *Falar de Deus hoje*, Editora Didascália, Lisboa 1992,107.

²² T. KUHN, *A estrutura das revoluções científicas*, Ed. Guerra e Paz, 2009.

²³ F. FERRAROTTI, *Il paradosso del sacro*, Ed. Laterza, 1983, 43.

Por causa deste novo dogmatismo a proliferação do sagrado tem-se vindo a desenvolver através da forma “de religião pessoal, de experiência íntima subjetiva, de comunidades ou grupos não institucionalizados”²⁴ a ciência esqueceu-se de que a fé religiosa nunca pode ser refutada por ela. Apesar de todos os esforços para descredibilizar ou fazer cair no ridículo, a ciência não previu que esta dimensão é pessoal e impossível de cientificar. Esta tentativa de descredibilizar a religião nasce no iluminismo e perpetua-se até hoje.

Apesar de querer chamar para si toda a verdade, a ciência, apenas consegue explicar “pequenas verdades”²⁵, e por isso a pretensão que tinha de chegar à Verdade plena torna-se cada vez mais longínqua, caindo assim numa espécie de vazio, uma vez que esta apenas consegue explicar verdades pequenas a breve ou a médio prazo que nada tem a ver com as verdades estruturantes do ser humano²⁶ que não podem ser resolvidos ou reduzidos a qualquer fórmula científica.

Aliás como o próprio Thomas Kuhn, no livro por nós citado anteriormente, para a ciência poder evoluir é necessário que haja intuição e esta intuição contradiz o que a ciência mais defende para si, que é o empirismo e o facto provado. Ao chamar para si a neurótica necessidade de controlo absoluto da razão poderá mergulhar num novo dogmatismo. Ora, o sagrado está longe de poder ser confirmado tal como a ciência pretende porque de facto estamos a falar de duas realidades diferentes. A fé religiosa nunca poderá ser provada cientificamente pois não se enquadra numa razão científico-matemática “a ciência não “habita” as coisas, mas manipula-as”²⁷. A ciência tem a necessidade de usar modelos, mas ao mesmo tempo que cria uma plataforma mais sólida limita os campos do saber. Assim “o cientista costuma defender pragmaticamente um realismo gnosiológico, sem aprofundar os

²⁴ A. MOURÃO, *Falar de Deus Hoje*, Ed. Didaskalia, 1992, Lisboa. 50.

Vejam os hoje a proliferação da astrologia, ou mesmo da NewAge, que tem proliferado na sociedade. Mesmo dentro da Igreja quando o fiel tenta ele próprio se sobrepor à Igreja quando se questiona porque se tem de confessar a um padre visto que o pode fazer diretamente a Deus. O padre é visto como um simples executante de um ritual.

²⁵ *Aspas nossas*.

²⁶ Quem sou? De onde venho? Para onde vou?

²⁷ *Ibidem*, 53.

problemas complicados da teoria ou da metafísica do conhecimento.”²⁸ Enquanto o “teólogo, pelo contrário aborda, mediante uma pergunta *à priori*, o todo da realidade enquanto tal e o seu fenómeno.”²⁹

A ciência busca a verdade através das respostas ao funcionamento do mundo e do universo que nos rodeia. Mas a dimensão do saber vai muito mais além dos aspetos de um saber explicativo. O verdadeiro saber tem que ser integral, ou seja, na totalidade daquilo que o ser humano é e não só do saber cerebral. Por isso é importante a chamada de atenção a Encíclica Papal *Lumen Fidei*:

“A luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade. Muitas vezes, hoje, a verdade é reduzida a autenticidade subjectiva do indivíduo, válida apenas para a vida individual. Uma verdade comum mete-nos medo, porque a identificamos — como dissemos atrás — com a imposição intransigente dos totalitarismos; mas, se ela é a verdade do amor, se é a verdade que se mostra no encontro pessoal com o Outro e com os outros, então fica livre da reclusão no indivíduo e pode fazer parte do bem comum.” [*Lumen Fidei* 34]

Para nós crentes o diálogo com a fé tem que ser feito à luz do amor. Esta dimensão do amor tratarei mais à frente neste trabalho.

3. O fenómeno religioso: ainda vale a pena acreditar na religião? Acredita-se na religião, ou a religião faz-nos acreditar em algo ou alguém?

Antes de me centrar na questão do fenómeno religioso é importante tentar perceber o que é de facto este fenómeno. Então, de que falamos quando nos referimos ao fenómeno religioso? Em primeiro lugar, saber que o fenómeno religioso faz parte de uma sociedade e de uma cultura “pois, sendo a religião um fenómeno humano, é também uma realidade que se

²⁸ *Ibidem*, 58.

²⁹ *Ibidem* 68.

manifesta numa cultura e numa sociedade: “homo faber” é igualmente “homo ludens, sapiens e religioso”.³⁰

Poderemos ter uma perspetiva que este fenómeno é pluridimensional, por isso mesmo o confronto entre autores é grande. Neste sentido proporei três perspetivas diversas sobre o estudo do fenómeno religioso que são as mesmas das do professor Eduardo Duque: Perspetiva substantiva: “definem o religioso pelo seu conteúdo.”³¹ Ou seja a dimensão do sagrado, sobrenatural, o infinito, o absoluto, o divino, o misterioso, etc. Por isso mesmo esta perspetiva “apoiam-se em crenças e ritos”³²

Perspetiva funcional: a grande questão que a perspetiva funcionalista coloca é “para que serve?”. Procura assim explicar “a religião inserida em diversos contextos sociais, entendendo-a como “um sistema solidário de crenças e práticas relativas às coisas sagradas...”³³

Perspetiva materialista: nasce da crise da sociedade liberal, nomeadamente após o nascimento da revolução industrial. Nesta perspetiva “numa sociedade capitalista, que o homem seja alienado pela religião, na medida que projeta nela a sua realização futura, idealizando-a, renunciando assim à sua realização atual.”³⁴ Ou seja, a dimensão da transformação social é o polo da transformação da ordem religiosa, pois procura dominar a natureza e suprimir a opressão social.

Apesar destas três perspetivas, não posso dizer que a definição de religião está completa, pois ela acarreta uma enorme dificuldade porque a maior parte das vezes “parte-se de uma premissa racionalista e ilustrada de que a religião, por ela mesma, é uma ilusão, ideologia, conceito inadequado, enfermidade, falsa consciência, etc.”³⁵

³⁰ EDUARDO DUQUE, *Mudanças Culturais, Mudanças Religiosas: Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva contemporânea*, Ed. Humus, Braga, 2014, 17.

³¹ *Ibidem* 18.

³² *Ibidem*, 18.

³³ *Ibidem*, 20.

³⁴ *Ibidem*, 20.

³⁵ *Ibidem*, 22.

Mas é impossível falar de religião sem ter um ponto de partida que possa servir de guia. Mesmo que o entenda como insuficiente ou mesmo pouco abrangente é a única forma de começarmos um caminho. Então como ponto de partida proponho que entendamos como religião um “conjunto de crenças e valores, dadores de estabilidade, dinâmica e sentido, organizados em representações simbólicas e referentes a uma realidade que transcende o indivíduo”.³⁶

A dimensão do fenómeno religioso não está circunscrita ao campo religioso, pois sendo esta parte integrante do fenómeno humano interage com o próprio homem através da sociedade e da cultura. Assim, sabendo que o fenómeno religioso faz parte da própria dimensão humana gera “interesse na medida em que explica a religião inserida nos diversos contextos sociais”³⁷. Ora na medida em que o fenómeno religioso está presente na cultura e na sociedade tem a capacidade de mudar com esta, um exemplo caro passa-se durante a revolução industrial que ao gerar uma nova realidade social, gera ao mesmo tempo uma nova realidade religiosa.³⁸

Por isso mesmo, existe uma dificuldade enorme em centrar-me só numa definição de fenómeno religioso, pois “definir religião implica distinguir, seleccionar e interpretar.”³⁹

Contudo necessitamos de uma definição que possa ser orientadora do nosso trabalho, passarei a explicar no ponto seguinte o que no nosso entender é constitutivo do fenómeno religioso.

³⁶ *Ibidem*, 25.

³⁷ *Ibidem* 20.

³⁸ A título de exemplo, com a mudança das pessoas do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida, a dimensão religiosa muda drasticamente. Do local onde se conhecia toda a gente, que era a aldeia em que viviam, passam para uma realidade descaracterizada onde deixam de existir referências.

³⁹ *Ibidem* 22.

3.1 O que constitui o fenômeno religioso? Ainda somos seres religiosos?

Uma das certezas que podemos ter sobre a humanidade é a existente procura da relação com o transcendente. Basta olharmos para a nossa história desde o início e percebemos que sempre existiram locais de culto, sacerdotes, objetos sagrados, rituais...

Para melhor entendermos o fenômeno religioso procuro defini-lo como “*um conjunto de crenças e valores, dadores de estabilidade, dinâmica e sentido, organizados em representações simbólicas e referentes a uma realidade que transcende o indivíduo.*”⁴⁰ Assim para haver um fenômeno religioso tem de haver uma doutrina, ritos, uma dimensão ética e uma relação com a divindade, isto porque a religião implica sempre um contexto humano e social.

Contudo estou consciente que definir o fenômeno religioso não é de todo fácil pois é inegável que o “fenômeno e a experiência religiosa passam por juízos e o veredicto de um determinado conceito da razão (idealista, materialista, genealógica ou psicanalista).”⁴¹ Por causa desta dificuldade é que me questioneei se ainda somos seres religiosos. Mais uma vez podemos verificar através da aferição que os nossos alunos ainda são religiosos, contudo a dimensão religiosa destes é bastante diferente dos seus pais ou avós, fruto da imersão social em que estão inseridos. Por isso A experiência de Deus não é outra coisa que uma forma peculiar da experiência da fé que “supõe o conhecimento e experiência do mistério divino”⁴² A grande questão é o que eles entendem por divino.

⁴⁰ *Ibidem*, 25.

⁴¹ *Ibidem*, 23.

⁴² JOSÉ MORALES, *La experiencia de Dios*, Ed. Rialp, Madrid, 2007, 162.

3.2 As representações divinas.

Desde sempre o homem teve noção do transcendente. Desde o homem das cavernas até aos dias de hoje esta busca incessante faz-se no seio da humanidade. Um dos exemplos mais claros desta busca são as representações encontradas em grupas e datadas da pré-história da humanidade.

Se inicialmente a dimensão religiosa estava ligada aos elementos da natureza, como o fogo, a água e o ar, posteriormente foi-se diversificando com os elementos animais (por exemplo no antigo Egito). O período áureo do politeísmo foi o período greco-romano com a dimensão politeísta e a sua complexidade em relação às religiões pré-históricas.

Com o povo hebreu a questão foi outra, porque desde Abraão o monoteísmo era essencial. Lembremos por exemplo a descida do monte Sinai quando os hebreus para celebrar a libertação do Egito ergueram um bezerro de ouro e Moisés na sua angústia quebrou as tábuas da lei. (Ex. 32, 1-8).

É esta experiência de monoteísmo que nos leva ao ponto central dos desafios da religião, visto que para nós católicos o importante é a pessoa de Jesus Cristo e de quem Ele fala. Então quem é o Deus de Jesus Cristo?

Foi bastante interessante esta questão nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, porque apesar de todos reconhecerem Jesus, já a pessoa de Deus é bastante complexa para os nossos alunos. Este Deus que é amor, e que nos ama a todos de forma infinita no ver dos nossos alunos torna-se uma dicotomia enorme. Como é que é possível um Deus de amor permita por exemplo o mal? O tema do mal já foi abordado anteriormente nos limites do acreditar humano.

Temos de ter em conta que, culturalmente, “vivemos numa situação em que o – Deus está aqui – de outros tempos deu lugar – onde estas tu Deus? – dos nossos contemporâneos, que com frequência se converte também para os crentes em – onde está o nosso Deus?”⁴³

A esta questão “a onde está o nosso Deus?” faz com que muitos iniciam uma busca de uma religião que lhes dê uma resposta, resposta esta que poderá culminar num “new age”, onde há espaço para tudo e mais alguma coisa e onde os sentimentos são, muitas vezes, a resposta.

Na mesma senda temos de notar que a religião abandonou a esfera pública e passou-se para a esfera privada. É socialmente incorreto expor as minhas crenças aos outros, e por isso mesmo, a dimensão religiosa que habitava na esfera pública restringiu-se aos espaços mais recônditos, quase como no tempo da perseguição romana aos cristãos, às catacumbas. Passou a haver uma “privatização da religião”.⁴⁴

3.3 Os desafios da religião.

Os desafios da religião são cada vez maiores face à sociedade que vive num ritmo alucinado. Assim identificaria quatro desafios que a religião tem de confrontar, a saber:

a) A vivencia do presente

Parecendo quase uma redundância notamos que a sociedade de hoje vive o presente grávido do presente. Os pais já não falam a mesma linguagem dos filhos o que coloca o presente em colapso com o passado. Queremos olha o futuro que começa agora, mas a estrutura já não é a mesma do passado porque o futuro de hoje é incerto face ao futuro dos

⁴³ JUAN VELASCO MARTÍN, *La experiencia Cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid, 1973, 19.

⁴⁴ CHARLES TAYLOR, *A Era Secular*, Ed. Unisinos, São Leopoldo, 2010, 14.

pais e avós. Assim, o passado deixa de ser linear e por isso mesmo a linguagem das gerações já não é a mesma. Neste sentido o futuro esmaga o presente, passando a incidir a nossa vida apenas sobre o presente deixando a incógnita do futuro longe do horizonte, dando plena aceitação à máxima latina *do carpe diem*. Sem esta visão do futuro o presente torna-se muito peculiar pois torna-se um tempo doentio, patológico e sem horizonte.

Além disso, esta vivência do presente leva-nos a uma secularização do mundo atual. Visto que vivemos numa sociedade que fragmenta os saberes cada vez mais por exemplo no fenómeno político vive-se uma separação cada vez maior entre Igreja e Estado⁴⁵. Se olharmos para o passado sabemos que nem sempre foi assim. A consequência disto é que “sem o suporte público garantido pelo poder temporal, o cristianismo vê-se cada vez mais relegado para a intimidade da fé individual.”⁴⁶ A secularização surge como a afirmação exaltante da razão humana e do primado do indivíduo. A religião torna-se então relativa, relativa ao indivíduo, às suas crenças, cultura e ambiente familiar. Esta relativização leva a uma queda de valores⁴⁷ tornamo-nos uma “sociedade de crítica permanente [que] tem sem dúvida, dificuldades em assumir valores ternos ...”⁴⁸. Isto leva a que nos dias de hoje a nossa visão seja profundamente marcada pela indiferença, pelo sentimento, flutuando entre a incredulidade, o agnosticismo, o ceticismo ou uma fé seletiva⁴⁹. Este pluralismo facilita a indiferença⁵⁰ “vivemos numa feira de ideias que podemos visitar, apreciar, mesmo provar, mas às quais não se adere.”⁵¹

Esta fragmentação do sentido não significa a sua extinção. Parece apenas “já não se reconhecer à fé religiosa, e sobretudo, às instituições religiosas a capacidade de polarizar o

⁴⁵ Note-se que refiro-me a este aspeto como uma constatação de um facto e não qualquer ideia subjacente de voltar ao passado, onde existia de facto uma mistura entre os poderes.

⁴⁶ PEREIRA, Teresa Martinho., *AAVV Falar de Deus Hoje*, Ed. Didaskalia, 1992, Lisboa, 216.

⁴⁷ Existe uma eterna discussão filosófica entre valores e princípios. Os valores surgem como imutáveis os princípios como algo que se adapta aos tempos, modas e tendências.

⁴⁸ *Ibidem* 223.

⁴⁹ Os movimentos *newage* tem crescido cada vez mais, pois possibilitam a mescla de religiões, crenças ou sentidos.

⁵⁰ Basta olharmos as constantes notícias de imigrantes mortos no mar mediterrâneo e como a maioria da sociedade europeia olha com indiferença para este fenómeno.

⁵¹ *Ibidem* 223.

significado da totalidade da existência, naquilo que constitui “o Sentido”, o absoluto.”⁵²

Numa realidade cultural onde o sujeito é o ser dominante, ter de ir ao encontro do outro, ou neste caso de Deus, fora de si o ser humano entra em paradoxo. Aqui se encontra “um dos principais desafios que o cristianismo pode colocar à modernidade: Deus é o Outro.”⁵³ Deus está sempre para além de tudo o que dizemos e constitui a fonte de toda a liberdade e resistência para não se deixar sucumbir por toda e qualquer forma de totalitarismo.

Tendo a disciplina de E.M.R.C como centro a questão central de Deus e da religião surgem as perguntas se a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica está a fazer pensar os nossos alunos? Terá sentido dentro deste contexto?

b) Uma sociedade centrada no sujeito

No sec. XIX o sujeito torna-se o centro de todas as coisas, pois nós Seres Humanos tornamo-nos conscientes que estamos na história. Por conseguinte, ao tornarmo-nos conscientes da história sentimo-nos senhores do nosso próprio caminho (eu sou o centro). Por isso é que o lugar de Deus não está no indivíduo porque o indivíduo vive só e centrado em si.

Que sociedade é esta que vive o indivíduo, não tendo noção que precisamos do outro? O paradoxo está integrado na nossa vida e por isso mesmo muito difícil de termos a distância necessária para podermos ser libertos dele. Então, quem são os alunos que temos em sala de aula?

⁵² *Ibidem* 224.

⁵³ *Ibidem* 227.

c) Uma estrutura familiar desfragmentada

Um dos desafios que a religião tem de enfrentar é a dimensão familiar dos nossos alunos. As famílias encontram-se desfragmentadas (como pude constatar durante o estágio havendo vários alunos que os pais estavam separados obrigando os alunos a uma ginástica imensa), os alunos que temos dentro da sala de aulas já não são os mesmos da minha geração. Gerando problema as e desafios diferentes. É fundamental para isso ir ao encontro de cada um, procurando conhecer a sua história, perceber os seus problemas e descobrir as suas inquietudes.

Por isso mesmo é que o modelo proposto hoje é um modelo de construção de caminho a partir da experiência individual de cada um. Esta experiência tem de levar o aluno a pensar se não corre o risco de dispersar, se bem que numa sociedade como a de hoje tão centrada na técnica, o que menos os alunos gostam de fazer é esta experiência pessoal de caminho através do seu pensamento. Para que este processo resulte é importante levarmos o aluno a contar a sua história porque é a partir dela que podemos chegar à questão religiosa.

d) Uma sociedade que não vive sem a tecnologia.

Sendo esta a questão que no meu entender parece mais pertinente e desafiadora tentarei explorá-la em cinco pontos:

1) A religião nas sociedades tradicionais.

Nós seres humanos estamos inseridos na história⁵⁴. Por conseguinte, as sociedades tradicionais são caracterizadas por uma visão religiosa do mundo. Por causa desta dimensão a

⁵⁴ Poderíamos aqui referir Mircea Eliade e o seu livro do eterno retorno. Onde a dimensão do *Kairós* e do *Chronos* estão em contante luta. - M. ELIADE, *Il mito dell'eterno ritorno*, Ed. Lindau, Roma 1968, 5.

religião é quem proporciona a percepção através da qual se vê o mundo, a realidade toda e a explicação fundamental dos acontecimentos.

2) Processo de racionalização.

Este processo de racionalização da sociedade é feito por várias etapas:

- a) Fragmentação da razão e da ciência.
- b) Diferenciação dos saberes
- c) Racionalização
- d) Cálculo racional/ ação social
- e) Libertação do mágico
- f) Raciocínio técnico

A religião explicava tudo. Contudo no sec. XIX o mundo começa a ser explicado pelas outras ciências, muito devido à revolução industrial e ao aparecimento de novos campos do saber, ou melhor, de um saber mais fragmentado por especialidades. Onde anteriormente havia uma explicação para um fenómeno, a partir daqui este mesmo fenómeno é explicado por várias ciências. Deixa de haver uma pessoa que domina todo o saber, para passar para o domínio de várias pessoas, por exemplo a medicina. A medicina deixa de haver um médico que sabe de tudo para passar para a fragmentação por áreas, oftalmologia, cardiologia, etc.

3) Desencantamento com o mundo.

O desencantamento com o mundo dá-se porque a dado momento o processo de explicações torna-se lento e onde as explicações de carácter religioso vão perdendo espaço e dando lugar a explicações de carácter científico. Apesar deste tipo de conhecimento pretender

explicar toda a dimensão da existência humana na verdade é que leva a pessoa a um desencantamento pelo mundo e a um vazio interior.

4) Autonomia do Individuo

A questão autonómica do homem está cada vez mais na ribalta, pois se no sec. XIX o homem tinha uma autonomia burguesa e capitalista. O empresário era o homem de referência por natureza, pois era moderno, era metódico e disciplinado, assumia um autocontrolo e era meticoloso que dá valor fidalgo ao ócio. Por exemplo, o homem que se aplica numa determinada área de saber porque sabe que lhe dará mais dinheiro e por isso mesmo pode gozar mais férias, comprar mais coisas, etc.

Para Habermas os mais novos depositam a esperança na ciência e por conseguinte gera uma nova forma de consciência de ser moderno. A ciência torna o ser humano mais autónomo e por isso torna-se em si mesmo mais autossuficiente. Segundo esta perspetiva é que chegamos ao final da história e por isso mesmo temos de reinventar uma nova forma de ver o mundo. O exemplo do fim da narrativa é uma sociedade plena de meios técnicos onde falta a dimensão humana: Tenho três telemóveis, mas ninguém me telefona. Isto remete para uma vivência profunda da solidão em nossa casa.

Sem o conhecimento da história e sem ética existe o politeísmo de valores.⁵⁵

5) Politeísmo de valores

Face á situação da pós-modernidade surge uma visão do mundo (cosmovisão) descentrada, dessacralizada e pluralista.

⁵⁵ Interessante notar que o partido que defende a eutanásia humana é o mesmo que propõe o fim da eutanásia animal.

6) Pós-modernismo

A pós-modernidade é caracterizada pelo despoletar de novos movimentos religiosos, que não requerem nenhuma presença formal por isso mesmo há uma desinstitucionalização da religião, ou seja, a religião é subjetiva, parte do indivíduo. Aqui gera-se um conflito entre os valores tradicionais e os valores individuais da modernidade.

4) A loucura do amor de Deus.

Chegamos à última parte da unidade, onde a dimensão do amor cristão aparece como termino da unidade letiva II. No meu entender não é por acaso que o amor de Deus aparece depois das questões da existência de Deus e da verdade científica. O teólogo Walter Kasper, diz-nos que “al margen del amor, todo lo demás – el don de profecía, el conocimiento de los misterios, la ciencia y la fe, pero también las grandes obras y acciones del amor – se revela como nada, carece de valor, resulta infecundo.”⁵⁶

Perante a dimensão do amor, nem a ciência consegue dar resposta ao mistério humano. Na carta aos Coríntios S. Paulo faz referência a isso mesmo: “ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou” (cf. I Cor. 13, 2). Então a questão inicial por mim lançada “Como falar hoje do grande mistério de Deus?”, passa necessariamente pela linguagem do amor. Numa sociedade superlotada onde surgem de todos os lados novos problemas, novos desafios, novos encantamentos, etc. o que poderá a disciplina de EMRC dar de novo aos alunos que não seja este encontro com este Deus de amor através do Seu filho Jesus. Mesmo quando falamos da fé e das questões da razão carecem do amor, “ni siquiera el martirio cuenta; también los herejes, los comunistas y otros grupos tienen mártires.

⁵⁶ WALTER KASPER, *La misericordia: clave del evangelio y la vida cristiana*, sd. Sal Terrae, Santander, 2013, 134.

Únicamente el amor es el signo distintivo del verdadero cristiano.”⁵⁷ Este amor enraizado em Cristo é diferente do amor humanista⁵⁸, pois segundo o ponto de vista joanino, nós somos amados por Deus (cf. Jo. 13, 34) a fim que nos amemos uns aos outros (cf. Jo. 13, 34).

Este amor que nos é proposto por Jesus é tudo menos um amor sentimental, como muitas vezes podemos achar, é um amor pelo qual “Cristo ha descendido a nosotros es el único por el que nosotros podemos ascender”.⁵⁹ Como nos diz S. Paulo “o amor já mais passará. As profecias terão o seu fim, o dom das línguas terminará e a ciência vai ser inútil”. (cf. I Cor 13, 8)

Esta loucura do amor de Deus pelo homem passa pela entrega incondicional do seu próprio filho para que este seja morto pela mão humana remindo o pecado do mundo.

4.2 A experiência do encontro.

No primeiro capítulo do Evangelho de S. João, Jesus encontra Natanael, e à pergunta inicial: de onde me conheces? (cf. Jo 1, 48), Jesus não responde com uma serie de justificações, mas apenas de uma ação “Vi-te quando estavas debaixo da figueira” (cf. Jo 1, 48). Na realidade esta experiência de encontro com Jesus tem de ser sempre pessoal, não pode ser baseada em algo exterior ao próprio, pois corre o risco de ser apenas um conto e não algo que é do foro interno da pessoa.

Se olharmos os evangelhos, Jesus recorre sempre á dimensão mais humana do encontro para testemunhar a relação de proximidade. A história da samaritana é uma replica disso mesmo, durante todo o diálogo que Jesus mantem com a Samaritana é sempre uma

⁵⁷ *Ibidem* 134.

⁵⁸ Não é que o amor humanista seja mau, mas é uma amor muitas vezes fundamentado em falsos princípios. Por exemplo, o animal tem uma serie de direitos, frequentar o mesmo espaço que o dono, etc. mas a mesma pessoa que defende este afeto, a que chama amor, ao animal é a mesma que defende a pena de morte, tornando a dimensão primordial da vida humana como uma questão secundária.

⁵⁹ *Ibidem* 134.

descoberta pessoal que esta faz de si mesma e de Jesus, que o leva a revelar-se: “Sou eu, que estou a falar contigo” (cf. Jo 4, 26). Ou na experiência de Zaqueu (cf. Lc 19. 1 – 10), que o toque pessoal na vida deste cobrador de impostos o faz mudar radicalmente a sua forma de agir com o próximo, tão radical que “Jesus levantou os olhos e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa.»” (Cf. Lc, 19, 1). Jesus olha Zaqueu sem medo e propõe algo que é radicalmente diferente das outras pessoas, que fugiam da sua presença, Jesus vai ao encontro do mais pessoal, a casa de Zaqueu, onde ele guarda o que de mais íntimo e pessoal tem.

De certa forma as aulas de EMRC, para alguns dos alunos que a frequentam é o primeiro espaço de encontro consigo mesmo e de descoberta de Jesus, como podemos verificar pela aferição apresentada no I capítulo. Esta experiência de encontro do professor com os alunos nas aulas de EMRC, são sempre uma porta única para falar deste amor radical de Jesus.⁶⁰

4.2 O amor como centro da existência humana e imagem de Deus.

Esta imagem do amor de Deus tem duas visões diferentes. A visão veterotestamentária “el hombre pecador precisa de la moción divina para ponerse en el camino de la conversión; ningún pecador puede librarse *per si solo* del peso de la culpa”.⁶¹ (cf. Jr. 2, 22) Muitas são as passagens onde o chamamento à conversão no Antigo Testamento estão presentes, como exemplo “Confessei-te o meu pecado e não escondi a minha culpa; disse: «Confessarei ao SENHOR a minha falta;» e Tu me perdoaste a culpa do pecado (cf. Sal 20, 9); ou ainda “O sacrificio agradável a Deus é o espírito contrito; ó Deus,

⁶⁰ Quando falo aqui na questão do amor radical de Jesus, não surge como uma forma e doutrinação do aluno, mas de enamoramento. O professor de EMRC não se pode imiscuir do que ele é, e da missão que tem.

⁶¹ JUAN L. RUIZ, DE LA PEÑA, *El don de Dios, Antropología teológica especial*, Editora Sal Terrae, Santander, 1991, 227.

não desprezes um coração contrito e arrependido” (Cf. Sal 51, 19) ou Isaías que nos fala que Deus o Altíssimo, quer “reanimar o coração dos deprimidos” (Cf. Is, 57, 15). A visão do Antigo Testamento era então a de arrependimento e contrição e ao mesmo tempo a de ajuda aos mais necessitados e débeis, ou seja, a ordem social do Antigo Testamento estava “orientado a la protección de los débiles y los pobres (...) de denunciar relaciones injustas”.⁶²

No Novo Testamento a visão é atualizada por Jesus. Para Jesus o amor ao próximo é tão radical que Ele diz nos: “Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam,²⁸abençoi os que vos amaldiçoam, rezai pelos que vos caluniam” (cf. Lc 6, 27-28; Mt. 5, 44). Esta proposta radical de Jesus é levada aos extremos na sua morte de cruz. Nunca durante todo o processo de condenação Ele pediu justiça ou acusou alguém. Tal como o cordeiro levado ao matadouro, o silêncio se fez presente, não como alguém que aceita a sua culpabilidade, mas como entrega de si para a salvação do homem.

Mas o amor como imagem de Deus é nos transmitida por Jesus. É Ele que tem a ousadia de propor-nos um Deus que é pai “Abba”. É esta ousadia do amor de Deus pela sua criatura que “o gérmen do amor dormita em nós, como imagem de Deus (*imago*). Mas assim como nenhuma criança desperta para o amor sem ser amado, assim nenhum coração humano se eleva à compreensão de Deus, sem a livre oferenda da sua graça – na imagem do Filho.”⁶³

Ora, “o lugar pelo qual o amor se pode deslindar e testemunhar não pode encontrar-se fora do amor (na «pura logicidad»e da ciência»); só pode encontrar-se onde reside a realidade em questão, a saber, no drama do próprio amor.”⁶⁴

⁶² W. KASPER, *La misericordia: clave del evangelio y de la vida cristiana*, 132.

⁶³ HANS URS VON BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, Ed. Assírio e Alvim, Lisboa, 2008, 72.

⁶⁴ *Ibidem*,76.

5. Deus transformador de corações.

O amor de Deus é transformador do próprio homem. É no encontro do homem com Deus que se dá a conversão. O homem ao sentir-se amado, converte-se a este amor. A dimensão do pecador que ao reconhecer o mal que fez a Deus, ao próximo ou a si mesmo, transforma a sua forma de agir. É pelo amor de Deus em Cristo que “o homem não experimenta apenas o que é verdadeiramente amor; experimenta ao mesmo tempo de modo irrefutável que ele, o pecador e o egoísta, não tem verdadeiro amor”.⁶⁵

Ao mesmo tempo que o homem experimenta o amor de Deus através da Sua graça pela criatura criada. Por isso, o homem tem uma pré-compreensão do amor de Deus através do amor que ele experimenta no amor humano, porque “o amor humano partilha a contradição insolúvel de uma existência ao mesmo tempo mortal e espiritual.”⁶⁶

Este amor “que por Deus é realizado para o homem só é, pelo contrário, «inteligível» na medida em que precisamente *não* pode ser compreendido e justificado a partir do que é humano, mundano e fragmentário; ao invés, medida pelo humano, a acção divina só pode surgir como «loucura» e «delírio».⁶⁷ A cruz surge, então, como esta loucura do amor de Deus, como nos diz S. Paulo “A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus” (cf. I Cor. 1, 18)

É nesta loucura que “o amor de Deus, que é graça, contém necessariamente em si condições da cognoscibilidade e, por conseguinte, as oferece e as comunica.”⁶⁸ Esta comunicação que nos é sugerida por S. Paulo “Porque o Deus que disse: *das trevas brilhe a luz*, foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.” (cf. 2 Cor. 4, 6)

⁶⁵ *Ibidem*, 61.

⁶⁶ *Ibidem*, 64.

⁶⁷ *Ibidem*, 68.

⁶⁸ *Ibidem*, 71.

III. Parte: Proposta de Atividade Pedagógica

1. Introdução

Durante a Prática de Ensino Supervisionado surgiu a oportunidade para os alunos do 9º ano de realizarem dois dias de visita de estudo que se realizou no Entroncamento no Regimento de Manutenção Militar do Entroncamento.

Aproveitando esta possibilidade resolvemos colocar em prática algumas atividades que nos pareceriam oportunas e que dentro da sala de aula eram impossíveis de realizar, ora por falta de espaço ora por falta de tempo ou mesmo da disponibilidade pessoal que a relação aluno professor não faculta dentro do espaço escola.

Uma das realidades que me dei conta durante o estágio foi a da importância do elemento informal com os alunos que frequentam as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica. Neste espaço de relação a nossa disciplina poderá destacar-se das restantes, pois a dimensão da pessoa.

O que pretendo fazer nesta 3º parte do Relatório Final da Prática do Ensino Supervisionado é a partir do que foi feito propor uma melhoria.

2. Planificação

Horas	Sexta-feira 8 abril	Horas	Sábado 9 abril
8:45	Encontro Estação da Portela de Sintra	8:00	Alvorada
9:00	Viagem para o Entroncamento	9:00	Pequeno almoço
			Tema: O projeto de vida
10:00	Viagem	10:00	Jogos dinâmicos
11:00	Chegada, instalação	11:00	Reflexão do projeto de vida

12:00	Apresentação “olhos tapados”.	12:00	
13:00	Almoço	13:00	Almoço
14:00	Tempo Livre	14:00	Avaliação
	Tema: A dignidade da vida humana		
15:00	Jogo: O som do silêncio	15:30	Regresso a Sintra
16:00	Tempo de reflexão (texto e partilha)		
17:00	Lanche		
18:00	Percurso da corda da vida		
19:00	Reflexão texto		
20:00	Jantar		
	Tema: Deus, o Grande Mistério		
21:00	Jogos e encontro		
22:00	Vigília		
23:00	Tempo de descanso		
24:00	Dormir		

3. Enquadramento e objetivos

3.1 Enquadramento:

Como professores da disciplina de EMRC entendemos que esta se destaca da mais por causa dos fortes valores que transmite. Ao contrário da maioria das outras disciplinas que se centra apenas no conhecimento efetivo das matérias lecionadas e que vivem sobre o peso dos exames, a disciplina de EMRC tem a responsabilidade de ir mais longe do que o meramente académico. Assim, procurando uma vertente prática e de proximidade com os alunos inscritos na disciplina os professores resolveram organizar um fim de semana com todos os alunos do

9º ano que frequentem esta disciplina. Mais do que conteúdos, procuramos humanizar e ir ao encontro de cada aluno, visto que muitas vezes em sala de aula, o tempo e o espaço não o permitem.

3.2 Objetivos:

O objetivo inicial é dar a possibilidade aos alunos de poderem entrar num processo de ensino aprendizagem longe dos espaços normais de sala de aula e de escola. Assim, procurar-se-á que estes façam um caminho diferente, onde a partilha e a relação sejam o ponto inicial da descoberta pessoal. O programa do 9ºano de escolaridade é particularmente interessante para desenvolver este tipo de aprendizagem, com o tema central do “Quero Ser” dividido em três unidades (A dignidade da vida humana; Deus, mistério de amor e Projeto de vida), levam a um apelo à dimensão humana e ética do ser humano.

3. Avaliação

O acantonamento dos alunos de EMRC do 9º ano estava calendarizado no plano anual de atividades do agrupamento nos dias 3 e 4 de junho, mas para ser possível a sua integração no relatório de estágio, a professora Margarida Portugal levou a Conselho Pedagógico a proposta de alteração da atividade e esta foi antecipada para os dias 8 e 9 de abril de 2016, vindo a realizar-se no Regimento de Manutenção do Entroncamento.

Pelas 8:40h os alunos inscritos na atividade encontraram-se na estação de comboios da Portela de Sintra. Eram 35 os alunos que estavam alistados, mas à última hora, por várias razões, não apareceram cinco. A professora Margarida Portugal recebeu os alunos e os pais que fizeram questão de ir entregar os educandos à responsável da atividade. Pelas 8:52h partiu o comboio em direção à

estação do Oriente, onde foi feita a ligação para o Entroncamento. A viagem fez-se tranquilamente, sendo o ambiente muito salutar e divertido.

Pelas 11:20h chegou-se à estação do Entroncamento. Daí até ao Quartel o percurso foi feito a pé em dez minutos. À entrada das instalações esperava-nos o segundo comandante do Regimento que nos deu boas vindas e fez questão de fazer uma fotografia com o grupo; em seguida foram-nos mostrados os espaços e os aposentos que ficavam à nossa disposição. Depois de nos instalarmos foi entregue um guião a cada aluno, não houve qualquer espécie de jogo de apresentação porque todos os alunos já se conheciam bem, tanto de outras atividades como da escola.

A atividade foi dividida em três grandes partes, de acordo com os temas abordados pelo programa do 9º ano, ou seja, “A Dignidade da Vida Humana” – na tarde de sexta-feira, dia 8; “Deus, o Grande Mistério” – à noite; e “O Projeto de vida” – no sábado de manhã. Os temas e as atividades a realizar foram estabelecidos pela professora Margarida Portugal, pelo professor estagiário Cristóvão Andrade e pela professora estagiária Hercília Silva, de acordo com as unidades pré-definidas no início do ano.

Depois de colocarmos cadeiras no centro da enorme sala que nos foi concedida e de nos sentarmos em círculo, a professora Margarida, a professora Andreia (professora de EMRC pertencente ao agrupamento) e os professores estagiários deram as boas vindas e introduziram o jogo do “amigo secreto”: cada um de nós tirou, de um saco, um papelinho com o nome de um participante e passou a ser amigo secreto da pessoa que lhe calhou dedicando-lhe especial atenção e oferecendo-lhe vários mimos procurando manter o anonimato. Logo a seguir fomos almoçar. A ementa consistia no que cada um tinha levado de casa. Depois do almoço partilhado houve um breve tempo livre onde quase todos aproveitaram para escrever mensagens de amigo secreto. Seguidamente foram constituídos 4 grupos, cada um com um professor, e foi realizada a primeira atividade em equipa: escolha do nome do grupo e reflexão a partir de dois textos do guião (que se encontra anexo). Os textos utilizados foram

“Eu e os outros” e “Que Valores”. Depois de quatro reflexões muito ricas sobre como tratar os outros, voltámos a encontrar-nos em plenário onde cada porta-voz expôs o que os grupos tinham refletido.

Seguidamente fomos para o campo de futebol onde realizámos duas atividades. Na primeira delas, intitulada “os sons do silêncio”, os alunos vendaram os olhos e foram convidados a escutar o que estava à sua volta, sobretudo foram convidados a escutar aquilo que o coração lhes dizia. Os alunos partilharam como tinham vivido esta experiência salientando o seu enriquecimento; para alguns foi mesmo a primeira vez que estiveram assim sozinhos consigo próprios. De seguida realizou-se outra atividade, intitulada “O caminho da ponte”, que consistia em pedir a alguns alunos voluntários que se afastassem e depois voltassem, dois a dois, à medida que fossem chamados. Quando estes chegavam à roda encontravam no centro um caminho delineado e era-lhes pedido que cada um se colocasse em cada ponta. Fazia-se o enquadramento de que este caminho era uma ponte de 3 Km a 3000 mil metros de altitude onde passava apenas uma pessoa de cada vez; percorridos cerca de quilómetro e meio, como é que cada um poderia seguir o caminho em frente tendo em conta o outro? Uns alunos deitavam o outro abaixo, outros saltavam por cima, outros ainda passavam por baixo das pernas fazendo com que o mais fraco caísse da ponte. A ideia era que o grande grupo refletisse sobre as formas como agimos em relação ao outro quando este se cruza no nosso caminho e nos nossos objetivos. Todos perceberam que remover os obstáculos pela lei predatória do mais forte não pode ser solução e que é possível descobrir e implementar formas de trabalho em conjunto em que todos saem beneficiados – pegar o outro ao colo ou abraçá-lo e girar com ele. Os alunos gostaram muito desta atividade.

Depois de um breve lanche passou-se para a segunda parte da tarde. Em grande grupo foi lançada a atividade de preparar animações para o serão à volta da fogueira e de refletir sobre dois textos - “Como nasce um paradigma” e “Os três filtros”. Os grupos centraram-se e refletiram sobre as ideias principais dos textos, deixando cada aluno partilhar o que estes lhe

diziam. Chegada à hora regressámos ao espaço comum onde houve um plenário. Foi muito enriquecedor ver as várias perspetivas apresentadas pelos diferentes grupos. Terminado o plenário, partilhámos o jantar.

Pouco antes de começar a escurecer fomos até ao telheiro onde acendemos uma fogueira à volta da qual cantámos, contámos histórias, fizemos teatros e jogos de animação. Por volta das 23:30h regressámos à sala “quartel-general” e fez-se uma pequena introdução ao momento que se seguiria: a vigília. Era uma novidade para os alunos era e muitos deles ficaram apreensivos. Feita a introdução fomos calmamente para o espaço preparado para o efeito. Aí, durante 45 minutos, entoámos cânticos de Taizé, lemos textos significativos, meditámos e fizemos silêncio.

Pouco antes da 1h da manhã desligou-se a luz e toda a gente dormiu.

Por volta das 9:30h reunimos em grande grupo onde os alunos foram motivados para a reflexão individual. Seguidamente, cada um consigo próprio respondeu (ou pelo menos tentou) às questões da página 10 do guião. E logo depois, em pequenos grupos, procedeu-se à reflexão sobre o projeto de vida. No plenário destas atividades verificou-se, por um lado a dificuldade de fazer silêncio e, por outro, a vontade destes alunos construírem vidas com sentido.

Fomos depois para o campo de futebol onde passámos o resto da manhã com dois jogos alusivos ao espaço em que nos encontrávamos: o jogo do submarino e o jogo dos generais.

Após o almoço cantámos formalmente os parabéns à Beatriz e partilhámos um bolo de chocolate. Depois limpámos o espaço procurando deixá-lo melhor do que estava à nossa chegada e sentámo-nos em grande roda uma última vez para identificarmos os amigos secretos e fazermos a avaliação da atividade. Todos referiram ter gostado imenso destes dois dias e que esta atividade foi muito positiva. Curiosamente, vários alunos referiram a vigília, uns considerando-a o melhor momento do acantonamento porque nunca tinham parado para

pensar, durante tanto tempo, sobre si próprios; e outros como sendo o pior momento porque “o silêncio é uma seca”.

Pelas 15h horas saímos do quartel e fizemos a viagem de regresso a Sintra com enorme alegria e animação.

Foram dois dias cansativos, mas intensamente ricos. Salientamos sobretudo a excelente relação interpessoal e o contacto informal entre alunos e professores que permitiu o estabelecimento de pontes pedagógicas numa cumplicidade muito própria da disciplina de EMRC.

4. Uma nova abordagem

Partindo da experiência que realizai anteriormente proporia uma serie de novas abordagens que no meu entender seriam benéficas para uma maior interiorização da atividade.

Assim refaria o programa da seguinte forma:

Horas	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
8.00		Alvorada	Alvorada
9.00		Pequeno almoço	Pequeno almoço
10.00		Introdução ao Tema: A dignidade da Vida Humana.	Tema: O projeto de vida
11.00		Jogo: O som do silêncio	Jogos dinâmicos
12.00		Tempo de reflexão (texto e partilha)	Reflexão do projeto de vida
13.00		Almoço	Almoço

14.00		Tempo livre	Avaliação
15.00	Saída da escola	Percurso da corda da vida	Fim da atividade
16.00	Chegada ao Local	Reflexão texto	
17.00	Arrumações e distribuições de quarto.	Conclusão e Tempo livre	
18.00	Início das atividades	Deus O grande Mistério, introdução ao tema.	
19.00	Dinâmica de grupo: Conhecer-me e conhecer os outros.	Conhece-te a ti, conhece a Deus.	
20.00		Jantar	
21.00	Jantar	Jogos e animação	
22.00	O dom da vida	Preparação da Vigília	
23.00	Boa noite	Vigília	

6. Material de Apoio e Explicação das Dinâmicas

6.1 Conhecer-me e conhecer os outros

Esta atividade seria uma forma de quebrar o gelo entre os participantes. Se bem que o aluno vem da mesma escola pertencem a turmas diferentes. É importante que se possa

estabelecer uma dinâmica de grupo que permita quebrar o gelo. Assim, a proposta é que num primeiro momento os alunos fizessem uma pequena reflexão sobre quem são, como é que acham que os outros os veem individualmente. Posteriormente os alunos encontrar-se-iam em grande grupo e partilhariam o que achassem de relevante, pedindo aos colegas que os conheçam para falarem um pouco do que o aluno achou relevante partilhar.

6.2. O Dom da vida.

Depois da experiência do encontro consigo mesmo e da apresentação seguir-se-ia uma dinâmica que permitiria o aluno pudesse refletir sobre o dom da vida. A partir de uma quantidade de revistas e jornais, em grupo de 5 alunos, contruírem um cartaz onde dessem conta das notícias, imagens, publicidades, etc. que demonstrassem o respeito pela vida humana. Depois seria apresentado em grande grupo.

6.3 O som do silêncio.

Este jogo pretende a partir do texto “O monge e o silêncio”: um monge que ao contemplar um pássaro se perde no tempo e espaço. Contruir um conjunto de perguntas que permitam ao aluno refletir sobre estes mesmo texto.

6.4 A importância do tempo livre

Da experiência que tenho de animação de grupo de jovens e de campos de férias, o tempo

livre é um tempo fundamental para que os jovens possam relaxar. Quanto mais profundo e sério for o momento vivido, mais necessário é um tempo de descontração, brincadeira e conversa informal.

6.5 A corda da vida.

Esta dinâmica é uma corda estendida no chão. Em cada extremidade coloca-se um aluno que se convida a avançar nesta corda até ao centro. Ai diz-se que esta corda tem um precipício dos dois lados, como fariam para poderem passar, visto que ambos estão a obstruir o caminho um do outro. É importante aqui ter noção do que fazem, se empurram, se voltam para trás, se se abaixam para o outro passar, etc...

6.6 Conhece-te a ti, conhece a Deus

Voltando ao início do programa e aos jogos de conhecimento, pretende-se agora a partir da frase “Feito à imagem e semelhança...” (Gn. 1, 26-27) fazer com que o aluno perceba que somos obra criada de Deus. Posteriormente com um pouco de barro pedir que estes criem um símbolo desta união entre Deus e o Homem.

6.7 Preparação da Vigília

Neste tempo pretendia-se explicar o que é uma vigília e que os alunos se envolvessem na preparação da vigília. A preparação dos cânticos, a escolha dos textos, algumas perguntas

sobre os textos, algum gesto.

6.8 Vigília

Da preparação feita pelos alunos, este seria um momento de interiorização da dimensão do grande mistério que é Deus, e que só se revela mediante a vontade que cada um tem do encontro com Deus.

6.9 Jogos dinâmicos

Para conclusão, estes jogos pretendiam que os alunos colocassem uma serie de possibilidades na sua vida, desde uma vocação a um trabalho, ou a vocação ao matrimónio, ou mesmo a vocação à consagração a Deus.

Procurar sobretudo dar ferramentas para que o aluno mais tarde possa socorrer-se em momentos de decisão e escolha.

7. Conclusão

Num primeiro momento, olhando para o programa poderá dar a ideia que se situa num espaço meramente católico e como objecção poderíamos questionar sobre os alunos que não sendo católicos frequentam a disciplina.

Não é de todo essa a ideia de um doutrinamento dos alunos não católicos, mas em primeiro lugar uma partilha de experiências vividas por cada um e num segundo momento, o que parece confessional é de facto uma cerimónia ecuménica. Por exemplo quando se diz

vigília e durante a preparação haveria um espaço para o diálogo e para a partilha da experiência individual do silêncio interior.

Conclusão

Ao longo do tempo da realização do Relatório Final de Ensino Supervisionado fui-me dando conta que este percurso foi marcado também por um tempo de descoberta pedagógico.

Esta descoberta parte inicialmente da dimensão humana existente tanto através dos alunos como dos respectivos docentes da escola. Ir ao encontro das expectativas dos alunos bem como dos seus anseios esteve sempre dentro do meu horizonte de lecionação, considerando sempre o programa da disciplina vigente. Foi através das inquietudes que foram surgindo no programa do 9º ano de escolaridade que optei pela Unidade II: Deus, o grande mistério.

As questões de Deus foram tão importantes que eu tive necessidade de realizar uma aferição junto destes para perceber mais a fundo as suas necessidades bem como os seus anseios quando tocamos na questão de Deus. Foi interessante notar que alguns alunos que frequentaram a disciplina o ano inteiro não frequentavam nenhum grupo ligado à Igreja, inclusive um ser de Evangélico. Percebi, através da aferição, que a dimensão mistérica da religião está presente em cada um deles, tomando diferentes formas e inquietudes.

Dentro da nossa realidade social e cultural existe uma transformação que está ocorrendo nos últimos tempos. O percurso que anteriormente se fazia por uma questão cultural ligada à religião está a desaparecer e começa a existir novos desafios que lhe são colocados. A questão da ciência e da existência de Deus é cada vez mais debatido ou mesmo a questão do lazer em relação à busca do transcendente. O tempo que se dá a Deus, segundo a aferição e as aulas lecionadas é cada vez menor, levando a um indiferentismo em relação à questão religiosa. A família já não é o garante religioso que fora, voltando os nossos jovens para uma vivência do presente continua que os leva a um desencantamento com o mundo. Ao mesmo tempo, nasce um politeísmo de valores que estão ligados ao politicamente correto.

Como resposta a esta questão da desilusão dos nossos alunos face à religião está a

dimensão do amor. O amor surge como loucura ao mesmo tempo como experiência de encontros. O encontro consigo, com os outros e com Deus. E nesta busca que se faz seriamente que as inquietudes se deixam conhecer ao mesmo tempo que surge a tranquilidade do encontro. Por esse mesmo motivo a minha escolha para terminar o Relatório Final de Ensino Supervisionado foi a atividade pedagógica. Esta atividade de dois dias fora da escola, onde os alunos experimentaram o silêncio individual, a presença de grupo foi na minha perspectiva uma descoberta para os alunos que participaram.

A realização deste Relatório Final da Prática do Ensino Supervisionado ajudou-me a fazer uma reflexão mais aprofundada do tema em questão e da importância dele no programa da disciplina. A importância de despertar a curiosidade aos nossos alunos sobre a dimensão com o transcendente é fulcral. Numa sociedade onde predomina a técnica e a resposta imediata e onde as relações são cada vez mais virtuais, o realçar a importância da experiência de encontro é absolutamente fulcral. Este encontro que deve ser feita em três momentos, primeiro o encontro conosco, o segundo momento o encontro com os outros e o terceiro momento o encontro com Deus. Aliás, tal como referi na terceira parte do trabalho, através da atividade que foi realizada estas três dimensões estiveram presentes e foram as que mais forma notadas pelos alunos. Só através destas dimensões de relação é que poderemos chegar ao ponto central deste Relatório de Final do Ensino Supervisionado que é a experiência do amor.

Bibliografia

AAVV, *Dónde está Dios? Itinerários y lugares de encuentro*, XIV Semana de Estudios de Teología Pastoral, Instituto Superior de Pastoral, Universidad Pontificia de Salamanca, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 2004.

AAVV, *Lenguajes y fe*, XIX Semana de Estudios de Teología Pastoral, Instituto Superior de Pastoral, Universidad Pontificia de Salamanca, Editorial verbo Divino, Estella (Navarra), 2008.

ARENDS, I.R., *Aprender a Ensinar*, Editora McGrawHill, Madrid, 2008.

BALTHASAR, Hans Urs Von, *Só o amor é digno de fé*, Editora Assírio e Alvim, Lisboa, 2008.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, Editorial A.O, Braga, 7º ed, 1991, 1-164.

DE LA PEÑA, Juan L. Ruiz., *El don de Dios*, Antropología teológica especial, Editora Sal Terrae, Santander, 1991.

DE LA PEÑA, Juan L. Ruiz de la, *Crise e apologia da fé*, Círculo de leitores, 2001.

DUQUE, Eduardo: *Mudanças Culturais, Mudanças Religiosas: Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva contemporânea.*, Editora Humus, 2014.

DUQUE, João Manuel; *Dizer Deus na pós-modernidade*, Editora Livraria Alcalá, Lisboa, 2003.

ELIADE, Mircea., *Il mito dell'eterno ritorno*, Roma 1968.

FERRAROTTI, Franco., *Il paradosso del sacro*, Editrice Laterza, 1983.

FORTE, Bruno: *Teologia della Storia: Saggi sulla rivelazione l'inizio e il compimento*,

- Editrice, San Paolo, Milano 1991.
- FRAGATA, Júlio – “Morte e Perenidade”. Em: *Revista Portuguesa de Filosofia*., 1986.
- FRANCISCO, *Lumen Fidei*, 29 de junho 2013 - Web.
- GONZALEZ- CARVAJAL, Luis, *Ideas y creencias del hombre actual* = Presencia Social 2, Editorial Sal Terrae, Santander 1991.
- KASPER, Walter: La misericordia: clave del evangelio y la vida cristiana, Editora Sal Terrae, Santander, 2013.
- KUHN, Thomas., A estrutura das revoluções científicas, Editora Guerra e Paz, 2009.
- LADARIA, Luis, *Antropologia Teologica*, Editrice Piemme, Casale Monferrato, 2007.
- LEVINAS, Emmanuel. – *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Editora 70, 1988.
- LOIOLA, Inácio de., Exercícios Espirituais, Braga, Editora AO, 1999.
- MAGALHÃES, Vasco Pinto – “A Pessoa Humana”. In: *Bioética*. AAVV, coordenação de Luís Archer, Jorge Biscaia e Walter Osswald. Lisboa/S. Paulo: Verbo, 1996.
- MARTÍN VELASCO, Juan., La experiencia Cristiana de Dios, Editorial Trotta, Madrid, 1973.
- MARTIN VELASCO, J., *Vivir en Dios. Hablar de Dios hoy*, VIII Semana de Estudios de Teologia Pastoral, Instituto Superior de Pastoral, Universidad Pontificia de Salamanca, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra) 1998.
- MISSAL POPULAR, Vol. I, Gráfica de Coimbra, 1998.
- MORALES, José., La experiencia de Dios, Rialp, Madrid, 2007.
- MOURÃO, A. *Falar de Deus hoje*, Editora Didascália, Lisboa 1992, 49-63.
- NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, Lisboa, 1967.

PANNIKAR Raimon., *L'expérience de Dieu. Icôns du Mystère*, Editions Albin Michel, 2014.

PEREIRA, T., *Falar de Deus hoje*, Editora Didascália, Lisboa 1992. 215-228.

RAHNER, Karl, *Curso fundamental sobre la fe. Introducción al concepto cristiano*, Editorial Herder, Barcelona 1984.

RATZINGUER Cardeal Joseph, *Dios y el Mundo: Una conversación con Peter Seewold*, Editorial Nueva Galaxia Gutemberg e Ciculo de Lectores, Barcelona, 2002.

SALMANN, Elmar., *Passi e passagi nel cristianesimo. Piccola mistagogia verso il mondo della fede*, Cittadella Editrice, Assisi 2011.

SARMENTO, M., *Metodologia Científica para a elaboração Escrita e Apresentação de Teses*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2013.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2014.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Ser*, Lisboa, 2015.

SILVA LIMA, J., *Falar de Deus hoje*, Editora Didascália, Lisboa 1992. 181-201.

SILVA, Manuel Augusto Ferreira da – “Do Outro à Relação Interpessoal em E. Levinas”.
Em: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1982.

TAYLOR, Charles., *A Era Secular*, Unisinos, São Leopoldo, 2010.

TENACE, Michelina, “*Dire l'uomo*”, Editrice Lipa, Roma, 2005.

TRENTI Zelindo, *Dire Dio. Dal rifiuto all' invocazione*, Armando Editore, Roma 2011.

Net Grafia

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-

xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html - Acedido 21/08/2018.

<http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php/> - Acedido em 04/10/2018.

http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/tiroteio_em_paris.html - Acedido em 03/02/2017.

<http://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/ronaldo-faz-negocio-com-cinco-mil-tercos-> Acedido em 03/02/2017.

<http://www.dn.pt/globo/interior/doze-mortos-em-atentado-contrajornal-satirico-charlie-hebdo-em-paris-4327721.html> - Acedido em 16/06/2016.

http://www.jn.pt/tag/11_setembro.html - Para muitos analistas foi o grande acontecimento, pois veio demonstrar que os países ocidentais não estão tão inalcançáveis quanto se poderia supor. - Acedido em 16/06/2016.

<https://www.publico.pt/mundo/noticia/atentados-de-11-de-marco-em-madrid-planeados-no-paquistao-em-finais-de-2001-1627764> - Acedido em 16/06/2016.

https://www.revistadelibros.com/articulo_imprimible.php?art=3631&t=articulos.